A. C. AGUIAR

O DÍZIMO

A VERDADE QUE NUNCA TE CONTARAM

Dízimo · Lei Mosaica · Graça · Liberdade em Cristo

EDENIA · EKLESIA

Primeira Edição · 2026

A. C. Aguiar

O Dízimo

A Verdade Que Nunca Te Contaram

Primeira Edição · 2026

Edenia · Eklesia
Ribeirão Preto — SP — Brasil

© 2026: A. C. Aguiar — Todos os direitos reservados.

Publicação: Edenia · Eklesia — Ribeirão Preto, SP, Brasil

Edição: Primeira Edição, 2026

Contato: acaguiarautor@gmail.com

Capa: Composição digital original com IA, curadoria do autor

Revisão: A. C. Aguiar

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, armazenada em sistema de recuperação ou transmitida, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou qualquer outro, sem permissão expressa do autor. Direitos protegidos pela Lei nº 9.610/98.

Este livro é obra independente e autoral, baseada na interpretação pessoal e no estudo das Escrituras Sagradas. Seu conteúdo visa incentivar o leitor ao estudo direto da Bíblia e à reflexão espiritual livre de manipulação institucional.

Sumário

Prefácio **10**

Prólogo **12**

Introdução **16**

Parte I — As Origens e o Propósito do Dízimo **19**

Capítulo 1 — O verdadeiro Significado do Dízimo **20**

Israel e o propósito divino 20

O dízimo na Lei Mosaica 21

A transição da Lei para a Graça 22

O dízimo no tempo de Jesus e na Igreja 23

A advertência apostólica 24

Conclusão do capítulo 25

Capítulo 2 — A Instituição dos Sacerdotes Levíticos e sua Relação com o Dízimo **26**

A linhagem sacerdotal e os sobrenomes 26

O chamado divino e a consagração dos levitas 26

O papel espiritual dos levitas 28

A hierarquia sacerdotal 28

Cerimônias e sacrifícios 29

A destinação dos dízimos aos levitas 29
A diáspora e a preservação dos levitas 30
A linhagem levítica nos dias atuais 31
Conclusão do capítulo 31
Capítulo 3 — Os Líderes Religiosos Atuais São Sacerdotes com Direito ao Dízimo? 32
O Novo Testamento estabelece o sacerdócio universal dos que creem: 33
Conclusão parcial: o sacerdócio atual na Igreja está enraizado na Nova Aliança, em Cristo, — não no levítico, nem em linhagens como Cohen, Levi, Levis. . . . 34
Conclusão do capítulo 36
Parte II — Desconstruindo Argumentos 37
Capítulo 4 — O Dízimo na Prática: Da Lei à Manipulação Moderna . . . 38
Capítulo 5 — Jesus dizimava? Ele cumpriu a lei de Mosaica? 46
Consideremos mais alguns pontos que nos ajudarão na compreensão: 59
Passemos, então, à análise do próximo texto bíblico: 61
Capítulo 6 — Esmolas: A Generosidade Segundo Jesus 63
Veja o que diz o Velho Testamento: 63
Veja o que dizem os Evangelhos: 63
Nos Atos dos Apóstolos: 64
Capítulo 7 — Dízimo atual, uma pedra de tropeço, uma maldição? . . . 66
Capítulo 8 — O Dízimo de Abraão à Melquisedeque 73
Parte III — A Liberdade em Cristo 79
Capítulo 9 — O Dízimo de Jacó 80
Capítulo 10 — Malaquias – Os Sacerdotes Roubavam à Deus 84

Capítulo 11 — O Fim da Lei Cerimonial e o Advento da Graça 90

Capítulo 12 — A Nova Economia do Reino, Generosidade e Justiça sob a Graça 98

Capítulo 13 — O Ser e o Ter, a Economia do Reino de Deus 100

Capítulo 14 — A Liberdade da Graça: O Novo Caminho da Igreja 103

A Graça que Transforma 104

O Novo Caminho da Igreja 104

Chamados à Liberdade Responsável 104

Conclusão: O Evangelho Livre 105

Versículo de Encerramento 105

Epílogo 106

Por isso, Ele proclamou: 107

Transforme o Mundo 111

Agradecimentos Finais 118

A. C. Aguiar 119

Referências Bíblicas 120

Referências Bíblicas 121

Sugestões de Leitura: 122

Cura e Libertação em Cristo Jesus – A. C. Aguiar 122

O Evangelho Maltrapilho – Brennan Manning 122

Cristianismo Puro e Simples – C. S. Lewis 122

"E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará."

João 8:32

Prefácio

Vivemos dias em que o silêncio parece mais confortável do que a verdade; dias em que sistemas religiosos se tornam intocáveis, enquanto consciências cativas são sufocadas por doutrinas que se sustentam não na cruz, mas no controle. Em meio a esse cenário, um livro como este não é apenas necessário, é urgente.

O Dízimo: A Verdade Que Nunca Te Contaram não é um ataque, é um alerta. Não é uma afronta à fé, mas um clamor pela fé autêntica. É o resultado de décadas de observação, estudo bíblico profundo e, acima de tudo, sensibilidade espiritual. O autor não escreve com ira, mas com zelo. Ele não mira pessoas, mas estruturas, estruturas que se ergueram onde o Espírito já não habita; que se sustentam em interpretações deturpadas, moldadas para manter o povo preso ao medo, à culpa e à obrigação, em vez de conduzi-lo à graça, à liberdade e à verdade. Aqui, o leitor encontrará mais do que um estudo sobre o dízimo, encontrará uma profunda reflexão sobre o que significa ser Igreja, ser livre em Cristo e viver à luz da Nova Aliança. O autor fala com ousadia, mas com reverência; denuncia, mas intercede; confronta, mas convida à restauração.

Esta obra não é para os que buscam conforto no sistema, mas para os que buscam verdade no Evangelho. É para os que ainda acreditam que seguir a Cristo pode custar tudo, mas também pode libertar tudo. Leia com a mente aberta, o coração rendido e a Bíblia em mãos.

Talvez, como muitos antes de você, ao final deste livro, sua fé não seja mais a mesma. Será muito mais autêntica. E isso não é um risco; é uma promessa.

Prólogo

É verdadeiramente inconcebível que aqueles que se declaram cristãos persigam seus próprios irmãos simplesmente por discordarem de suas opiniões, estudos ou crenças, mesmo quando não há evidências de erro doutrinário ou desrespeito sagrado, mas apenas a coragem de dizer a verdade. Quando alguém se levanta com ousadia para falar a verdade, a perseguição costuma começar: surgem as falsidades, as distorções, o desprezo e os ataques à integridade pessoal. A história do cristianismo é rica em exemplos de perseguições que se acendem sempre que a verdade ameaça os interesses das lideranças. Esse padrão é bem conhecido também na política — no Brasil e em outras nações. O próprio Jesus Cristo experimentou, em sua carne, a priorização dos interesses dos líderes religiosos e políticos acima da verdade e da justiça, o que culminou em Sua crucificação. John Bunyan, autor de O Peregrino, foi perseguido pela Igreja Anglicana e passou doze anos na prisão por pregar sem licença, entre outras acusações infundadas. Libertado em 1678, continuou a pregar e a escrever até o fim de sua vida. A trajetória do cristianismo é uma saga de perseguição, prisão e martírio. Ninguém aprecia ser confrontado em seus erros, especialmente quando a verdade expõe ações contrárias a interesses pessoais. Contrariando a crença popular, embora muitas igrejas denominacionais prestem valiosos serviços cristãos, a verdadeira Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo não depende de nenhuma delas. O pastor Arno Froese, diretor da Chamada da Meia-Noite, declarou com sabedoria:

"Se todas as igrejas denominacionais fechassem suas portas, a Igreja do Senhor Jesus Cristo permaneceria intacta."

Comecei a escrever este livro por volta de 2012, com todas as ideias já delineadas, mas hesitei em publicá-lo, temendo que fosse interpretado como

um ataque à “Igreja de Cristo”, ainda que minha intenção fosse a de um conservador cristão comprometido com a verdade.

Afinal, pergunto: o que , ou quem, é a verdadeira Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo, o Corpo de Cristo, a Noiva? Seria uma igreja denominacional? Um templo físico? Alguns, conversando comigo, argumentaram que os erros não importam, pois somos todos imperfeitos, e que devemos apenas continuar pregando o Evangelho, evitando contendas, já que o essencial é a mensagem de Cristo. Outros sugeriram que criticar os erros alheios é perda de tempo, e que deveríamos ser mais positivos e proativos na evangelização. Mas pergunto: o que Nosso Senhor Jesus Cristo de Nazaré fez ao questionar e se opor às atitudes dos fariseus e mestres da Lei estava errado?

Ou será que não enfrentamos hoje situações semelhantes? Devemos permanecer passivos, testemunhando os erros sem agir, deixando tudo ao julgamento de Deus no tempo oportuno? Essa inércia nos torna cúmplices das injustiças. Se não nos opomos ao erro, tornamo-nos prevaricadores, conscientes das falhas, mas inertes, tal como acontece tantas vezes no cenário político. Hoje, enfrentamos desafios possivelmente ainda mais graves do que nos dias de Jesus Cristo, comparáveis aos tempos do profeta Malaquias. Parece que vivemos os últimos dias, quando o amor se esfria e eventos inimagináveis se tornam realidade. Certamente, aqueles que falam a verdade continuarão sendo perseguidos, calados, presos e, em casos extremos, mortos, especialmente os cristãos. Como disse Eric Arthur Blair, mais conhecido como George Orwell:

“Num tempo de fraude universal, falar a verdade é um ato revolucionário.”

“Se a liberdade significa alguma coisa, significa o direito de dizer às pessoas o que elas não querem ouvir.”

Após este apelo ao respeito pela liberdade de expressão, conforme assegura o Art. 5º da Constituição Federal do Brasil, passemos agora a

esclarecer tudo, começando pela introdução original desta obra.

Introdução

Assim como buscamos um sentido para nossas vidas, questionando quem somos, por que estamos aqui e se temos uma missão a cumprir, também devemos buscar a verdade em todas as áreas da nossa existência. Viver de forma ingênua, acreditando estar imune a enganos e manipulações, é um erro grave. Esse caminho leva a uma realidade ilusória, sustentada por lideranças e instituições que moldam o pensamento coletivo segundo seus próprios interesses. Em meio a uma sociedade marcada pela mentira e pela aparência, buscar a verdade é um ato de coragem e resistência. A verdade, embora incômoda, é libertadora. Ela nos desfaz das correntes da ilusão e nos conduz à liberdade e à autenticidade. Negligenciá-la é permitir que nossa vida se torne um joguete nas mãos de homens ambiciosos. Quando as pessoas se veem angustiadas e decepcionadas, frequentemente buscam consolo na religião. Procuram Deus em lugares que deveriam ser sagrados, mas que, muitas vezes, se revelam tão mundanos quanto aqueles que criticam. Descobrem, tarde demais, que perderam anos de vida e recursos em instituições que funcionam mais como empresas do que como casas de oração, conduzidas por líderes que se apresentam como pastores, mas se comportam como lobos em pele de cordeiro. Esta obra nasce desse clamor por discernimento. Ela denuncia o sistema religioso que, em nome de Deus, explora a fé dos fiéis e distorce as Escrituras para sustentar doutrinas humanas. Ao mesmo tempo, é um convite à libertação espiritual, à redescoberta do verdadeiro Evangelho da graça e do amor. Desejo, com sincera esperança, que este livro seja instrumento de revelação e transformação.

Que alcance os corações sedentos por Deus e liberte as almas cativas nas correntes do medo, da culpa e da manipulação. E oro também pelos líderes religiosos que, por ambição ou ignorância, deturpam a Palavra, para que se

arrependam enquanto há tempo. Pois, como está escrito, “a quem muito é dado, muito será exigido.” A liberdade que Cristo nos concedeu é muito maior do que aquela que nos ensinaram. E é essa liberdade que este livro deseja restaurar em você.

PARTE I

As Origens e o Propósito do Dízimo

Capítulo 1

O verdadeiro Significado do Dízimo

O dízimo, que significa uma décima parte, tem suas origens nas antigas práticas agrárias, quando as pessoas ofereciam parte de suas colheitas ou rebanhos aos deuses como sinal de respeito e gratidão. No contexto bíblico, especialmente o judaico-cristão, esse ato adquire um significado mais profundo, registrado nas Escrituras. Na época de Abraão, originário de Ur dos Caldeus, uma nação pagã, o dízimo era uma oferta voluntária. O primeiro relato bíblico aparece em Gênesis 14:20, quando Abraão entrega o dízimo de tudo o que possuía ao sacerdote Melquisedeque (Esse episódio será tratado em detalhe no capítulo 6). Esse ato expressava gratidão e fé diante de Deus, não uma obrigação. Como não existia legislação sobre o dízimo nesse período, cada um podia ofertar livremente, sem relação alguma com o futuro dízimo levítico.

Israel e o propósito divino

Para compreender plenamente o significado do dízimo, é necessário olhar para o povo e o contexto espiritual em que essa prática se consolidou. Israel foi escolhido soberanamente por Deus, um povo separado para cumprir Seus propósitos eternos, que se manifestarão plenamente nos últimos dias.

“Desde a aliança feita com Abraão, Deus revelou-Se ao mundo por meio dessa nação, demonstrando Sua soberania e fidelidade. Como nação, Israel recebeu o chamado para ser um povo sacerdotal, testemunha das verdades divinas. No entanto, quando o Messias prometido, Jesus Cristo de Nazaré, veio ao mundo, muitos dentre os judeus não creram n’Ele e ainda aguardam a vinda de outro messias. Em Seu plano perfeito, Deus estendeu Sua graça também aos gentios, enxertando-os na fé e fazendo-os participantes da promessa. Pela fé em Cristo, todos os que O recebem tornam-se descendência de Abraão, o verdadeiro Israel espiritual. Como escreveu Paulo, apóstolo chamado especialmente para os gentios, fomos enxertados na Oliveira Verdadeira (Rm 11:17), recebendo o direito de sermos filhos de Deus. Esse mistério da redenção, que une judeus e gentios em um só povo pela fé, é algo grandioso e maravilhoso.”

O dízimo na Lei Mosaica

Com a consolidação da nação de Israel e a promulgação da Lei Mosaica (c. 1400 a.C.), o dízimo tornou-se um preceito religioso formal. Abaixo, vemos suas principais modalidades:

> *1. Dízimo Levítico ou Comum*
>
> (Levítico 27:30-33; Números 18:21-24)

Dado aos levitas, tribo sem herança de terra, para sustentá-los em seu serviço no tabernáculo. Eles, por sua vez, ofertavam um décimo desse dízimo aos sacerdotes descendentes de Arão (Nm 18:26-28).

> *2. Dízimo de Festa ou de Celebração*
>
> (Deuteronômio 14:22-27)

Destinado ao consumo das famílias em Jerusalém durante as festas sagradas. Caso o caminho fosse longo, podiam converter os produtos em dinheiro e comprar o necessário ao chegar à cidade.

> *3. Dízimo para os Pobres ou Trienal (Deuteronômio 14:28-29; 26:12-15). Coletado a cada três anos para suprir as necessidades dos levitas, estrangeiros, órfãos e viúvas. Era um sistema de justiça social dentro da própria Lei.*

Esses mandamentos, descritos em Levítico, Números e Deuteronômio, garantiam sustento aos levitas, assistência aos necessitados e recursos para as festas religiosas.

A transição da Lei para a Graça

Contudo, a Lei que estabeleceu o dízimo não tinha o propósito de aprisionar o homem, mas de apontar para Cristo. Quando Jesus veio, a Lei encontrou Seu cumprimento, e a velha aliança deu lugar à Nova Aliança da Graça. Antes do advento dessa Nova Aliança, Israel vivia sob os preceitos da Lei mosaica, cuja perfeita obediência era inatingível. A Lei, que deveria revelar a santidade de Deus, também expunha a incapacidade humana, colocando o povo sob maldição, conforme está escrito:

> *"Todos aqueles, pois, que são das obras da lei estão debaixo da maldição; porque está escrito: Maldito todo aquele que não permanecer em todas as coisas que estão escritas no livro da lei, para fazê-las."*
>
> (Gálatas 3:10)

> *Deus, em Sua infinita sabedoria, enviou-nos o Seu Filho Unigênito (João 3:16): Jesus Cristo de Nazaré, o Cordeiro de Deus, o Sacrifício Imaculado, a própria encarnação divina. As antigas alianças haviam sido rompidas pela falibilidade humana. O Antigo Testamento preparava o caminho para o Messias prometido. Agora, a Lei está gravada não mais em tábuas de pedra, mas nos corações dos crentes, como "letras de carne" (2 Co 3:3-4). Vivemos pela fé e em liberdade. A Lei foi consumada na cruz; substituída pelo amor, pelos dois grandes mandamentos ensinados por Cristo (Mt 22:36-40).*

O dízimo no tempo de Jesus e na Igreja

"No tempo de Jesus Cristo (século I d.C.), o dízimo continuava sendo praticado pelos judeus conforme a Lei. Porém, o Mestre repreendeu fariseus e mestres da Lei por se apegarem a rituais enquanto negligenciavam justiça, misericórdia e fé (Mt 23:23). Isso mostra que, para Jesus, a questão central não era o ritual, mas a motivação do coração. Com o advento do cristianismo, o dízimo passou a ser interpretado de formas diversas. A maioria das denominações cristãs atuais mantém a cobrança baseada na antiga Lei cerimonial judaica, citando repetidamente Malaquias 3:6-12, especialmente o versículo 10. Outras o fazem por mera regra estatutária interna, mas não

esclarecem isso aos fiéis, deixando a impressão de que continuam obedecendo à Lei levítica. Assim, muitos cristãos, por falta de ensino bíblico, acreditam que ainda estão sob o mandamento da Lei, sentindo-se culpados ou "roubando a Deus" caso não entreguem o dízimo. São ameaçados, de forma velada, com a ação do "devorador", falsamente identificado como Satanás. Na prática, o dízimo moderno tornou-se instrumento de opressão espiritual, sustentado por medo, culpa e manipulação. Após anos de doutrinação, poucos conseguem libertar-se emocional e espiritualmente desse ciclo, acreditando que deixar de dizimar trará maldição. Alguns continuam doando uma décima parte de sua renda por costume; outros ofertam conforme suas possibilidades, quando a liderança permite. Mas, em muitas igrejas, quem deixa de dizimar é rotulado como "devedor" e afastado de ministérios, discriminado. A doutrina do dízimo, portanto, converteu-se em mecanismo de controle religioso. Exploraremos em detalhes esses e outros aspectos nos capítulos subsequentes."

A advertência apostólica

O mesmo erro cometido pelos antigos israelitas, transformar um mandamento espiritual em rito mecânico, repetiu-se entre os primeiros cristãos e continua até hoje. O apóstolo Paulo advertiu com severidade aqueles que tentavam ressuscitar os preceitos da velha Lei dentro da nova fé em Cristo. Ao ler a carta aos Gálatas, vemos os judaizantes infiltrados na Igreja, distorcendo a doutrina e tentando subjugar novamente os fiéis. Eles afirmavam que a fé em Cristo não bastava, sendo necessário observar tradições e ordenanças mosaicas. Isso era um ultraje à cruz e à graça.

> *“Separados estais de Cristo, vós os que vos justificais pela lei; da graça tendes caído.”*
>
> (Gálatas 5:4)

Essas palavras ecoam até nossos dias. Muitos líderes eclesiásticos continuam misturando Lei e Graça, aplicando seletivamente mandamentos antigos quando lhes convém, e invocando a graça quando lhes é útil. Tal comportamento é espiritualmente incoerente e moralmente condenável, uma verdadeira aberração diante de Deus.

Conclusão do capítulo

O dízimo, em sua origem, era expressão de gratidão e fé. Sob a Lei, tornou-se mandamento cerimonial restrito a Israel. Em Cristo, foi cumprido e superado pela graça, que convida cada crente à liberdade de doar por amor, não por medo, nem por imposição.

“Porque Deus ama ao que dá com alegria.” (2 Coríntios 9:7)

Nos capítulos seguintes, aprofundaremos essa verdade libertadora: a generosidade sob a graça e o real propósito do sustento da obra de Deus.

Capítulo 2

A Instituição dos Sacerdotes Levíticos e sua Relação com o Dízimo

2

A linhagem sacerdotal e os sobrenomes

O sobrenome Levi tem suas raízes nas Escrituras, remontando a Levi, filho de Jacó, ancestral da tribo dos levitas. O sobrenome Levis é uma variação moderna de Levi, também associada à mesma linhagem sacerdotal. Já o sobrenome Cohen refere-se aos descendentes diretos de Arão, o primeiro sumo sacerdote de Israel e irmão de Moisés. Arão, da tribo de Levi, e seus descendentes receberam o título honorífico de Cohen (plural: Cohenim), com a responsabilidade exclusiva de ministrar diante de Deus no tabernáculo e, posteriormente, no templo.

Esses sobrenomes tornaram-se marcas distintivas dessa linhagem sagrada, simbolizando a continuidade da vocação sacerdotal, o serviço direto ao Senhor e a guarda da pureza no culto.

O chamado divino e a consagração dos levitas

O sacerdócio levítico foi instituído dentro das instruções que Deus deu a Moisés para organizar o culto e a vida religiosa do povo. A tribo de Levi foi dedicada exclusivamente ao serviço no tabernáculo, e Arão e seus filhos foram designados como sacerdotes principais:

> *"Mande chamar seu irmão Arão e os filhos dele do meio dos israelitas para que me sirvam como sacerdotes: Arão e os filhos dele, Nadabe, Abiú, Eleazar e Itamar."*
>
> (Êxodo 28:1, NVI)

> *"Após o episódio do bezerro de ouro, os levitas se mostraram fiéis e foram consagrados formalmente ao Senhor: "Assim, Moisés ficou à entrada do acampamento e disse: 'Quem é do Senhor, venha até mim'. Todos os levitas se reuniram ao redor dele, e ele lhes disse: 'Assim diz o Senhor, o Deus de Israel: Cada homem prenda a espada ao lado. Passem pelo acampamento, cada um matando seu irmão, amigo e vizinho'. Os levitas fizeram como Moisés ordenou, e morreram cerca de três mil homens. Então Moisés disse: 'Hoje vocês foram consagrados ao Senhor, pois cada um se dedicou contra seu filho e seu irmão, e Ele os abençoou neste dia.'""*
>
> (Êxodo 32:26-29, NVI)

À primeira vista, essa ordem é realmente severa, mas é preciso lembrar que os que não se uniram a Moisés haviam se entregado à idolatria, adorando o bezerro de ouro, pecando contra Deus. Mesmo que Arão talvez tenha tentado representar o Deus verdadeiro, sua atitude contrariou frontalmente o mandamento divino:

"Não farás para ti imagem de escultura... não as adorarás nem lhes darás culto."

> "
>
> (Êxodo 20:4-5)

O episódio de Êxodo 32 demonstrou a lealdade dos levitas a Deus. Sua obediência radical e zelo pela santidade do Senhor tornaram-nos aptos para o

serviço sacerdotal. Embora a ação em Êxodo 32 não tenha instituído diretamente o sacerdócio, ela revelou a fidelidade que seria mais tarde formalizada com a consagração de Arão e seus filhos (Êxodo 28–29; Levítico 8–9; Números 3 e 18).

O papel espiritual dos levitas

A escolha divina da tribo de Levi foi um marco na história espiritual de Israel. Enquanto as demais tribos tinham atividades econômicas e militares, os levitas foram separados para o serviço sagrado, renunciando à posse de terras e a funções seculares. Sua herança era o próprio Senhor e o privilégio de servi-Lo continuamente. Essa separação envolvia uma vida de santidade, renúncia e ensino.

Eles ofereciam sacrifícios, cuidavam do tabernáculo, zelavam pela pureza cerimonial e ensinavam a Lei ao povo. Eram também guardiões da sabedoria divina e da adoração verdadeira.

A hierarquia sacerdotal

Os sacerdotes levíticos eram liderados pelo sumo sacerdote, descendente de Arão, que representava o povo diante de Deus e tinha a autoridade de entrar no Santo dos Santos, onde a presença divina habitava. Abaixo dele, havia uma hierarquia de sacerdotes e auxiliares que executavam as diversas funções do culto: preparavam e ofereciam sacrifícios, purificavam os objetos sagrados, ministravam bênçãos e orientações ao povo e mantinham a ordem e santidade do tabernáculo e, depois, do templo. Essas funções expressavam reverência, pureza e mediação espiritual, preparando o caminho para o ministério perfeito de Cristo, o Sumo Sacerdote eterno, segundo a ordem de Melquisedeque.

Cerimônias e sacrifícios

Uma das cerimônias centrais era o sacrifício expiatório. Os sacerdotes ofereciam cordeiros, bois ou pombos como oferta pelos pecados do povo, um símbolo da necessidade de perdão e reconciliação com Deus. Esses ritos apontavam profeticamente para o sacrifício de Cristo, o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. Além disso, havia cerimônias de purificação de pessoas e objetos, a celebração das festas sagradas (Páscoa, Pentecostes, Tabernáculos), e o uso do Urim e Tumim para buscar a vontade divina. Esses ritos reforçavam a importância da santidade, arrependimento e comunhão com Deus.

A destinação dos dízimos aos levitas

Uma das características mais marcantes dos levitas era o fato de não possuírem herança de terras.

Deus determinou que o sustento deles viria dos dízimos do povo, conforme a Lei Mosaica:

> *"Eis que dei aos filhos de Levi todos os dízimos em Israel, por herança, pelo serviço que prestam, o serviço da tenda da congregação."*
>
> (Números 18:21)

> *Esses dízimos, a décima parte das colheitas e rebanhos, eram a provisão divina para o sustento dos levitas e seus serviços no tabernáculo. Dessa décima parte, os levitas ainda ofertavam um décimo do dízimo aos sacerdotes, ou seja, 1% do total das colheitas do povo (Números 18:26-28). Assim, a estrutura era perfeitamente equilibrada: o povo sustentava os levitas, e os levitas sustentavam o sacerdócio. Essa provisão garantia que eles se dedicassem integralmente às suas funções espirituais.*

A diáspora e a preservação dos levitas

Com o passar dos séculos, o povo de Israel foi disperso entre as nações, a chamada Diáspora Judaica. Durante esse período, muitos judeus chegaram à Europa, inclusive a Portugal, onde foram forçados à conversão ou à fuga durante a Inquisição. Muitos dos que se converteram publicamente ao cristianismo continuaram praticando o judaísmo secretamente, alterando seus sobrenomes para escapar da perseguição. Entre os novos nomes adotados, aparecem Silva, Pereira, Oliveira, Costa, Nunes, Dias, Alves, Sousa, Mendes, Rodrigues, Fernandes, Gomes, Henriques, Fonseca, Almeida, entre outros. Grande parte desses convertidos, os cristãos-novos, eram descendentes de levitas e sacerdotes, cujos sobrenomes originais (Cohen, Levi, Levis) foram substituídos para sobreviver à perseguição. Assim, mesmo dispersos, os levitas mantiveram viva sua identidade espiritual, lembrando o chamado sacerdotal de servir a Deus e instruir o povo.

A linhagem levítica nos dias atuais

Atualmente, a identificação precisa das tribos de Israel tornou-se incerta, exceto por Judá, Benjamim e Levi, cujas linhagens foram parcialmente preservadas. Enquanto a maioria perdeu sua origem tribal após séculos de exílio e miscigenação, os levitas conservaram seus traços por meio dos sobrenomes e tradições familiares. Eles permanecem como testemunho vivo da fidelidade de Deus e da continuidade de Sua promessa. Mesmo que hoje o sacerdócio levítico não funcione como antigamente, seu legado espiritual aponta para Cristo, o Sumo Sacerdote perfeito, que aboliu o sistema cerimonial e estabeleceu um novo sacerdócio, o sacerdócio universal dos crentes (1 Pedro 2:9).

Conclusão do capítulo

Na exploração da instituição dos sacerdotes levíticos, reconhecemos a importância fundamental dessa tribo no relacionamento entre Deus e o povo de Israel. Eles eram mediadores, instrutores e guardiões da santidade. O dízimo, nesse contexto, era uma provisão divina justa, voltada ao sustento do serviço sagrado, não uma imposição comercial, como muitos o interpretam hoje.

“O Senhor é a minha porção e a minha herança”, disse o salmista (Salmo 16:5), uma verdade que os levitas viveram, e que hoje nós, em Cristo, podemos experimentar em plenitude.

Capítulo 3

Os Líderes Religiosos Atuais São Sacerdotes com Direito ao Dízimo

Agora que já compreendemos a constituição do sacerdócio levítico, podemos considerar as diferenças entre aquele sacerdócio e o cenário contemporâneo. Assim, veremos com clareza se pastores, padres e líderes religiosos atuais, dentro de suas instituições, podem reivindicar dízimos dos fiéis em Cristo Jesus com base nas Escrituras.

• Sacerdócio levítico × Sacerdócio na Nova Aliança

O conceito de sacerdócio no cristianismo atual distingue-se radicalmente do sacerdócio levítico (incluindo os cohanim, descendentes de Arão). Essa diferenciação decorre de desenvolvimentos teológicos e históricos posteriores ao ministério, morte e ressurreição de Jesus Cristo, e fundamenta-se nas Escrituras:

> *"Agora, porém, Jesus recebeu um ministério superior ao deles, assim como também a aliança da qual ele é mediador é superior à antiga, sendo baseada em promessas superiores. Pois se aquela primeira aliança fosse perfeita, não seria necessário procurar lugar para outra."*
>
> (Hebreus 8:6–7, NVI)

"Quando Cristo veio como sumo sacerdote dos benefícios agora presentes, ele adentrou o maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos humanas... Ele... entrou no Santo dos Santos uma vez por todas, por seu próprio sangue, obtendo eterna redenção."

> "
>
> (Hebreus 9:11–12, NVI)

Hebreus ensina que Cristo é o Sumo Sacerdote da Nova Aliança, superior à antiga e que Seu ministério é definitivo e celestial, não dependente de sangue de animais, mas do Seu próprio sangue. Trata-se de um sacerdócio distinto e superior ao levítico.

• O sacerdócio de todos os crentes

O Novo Testamento estabelece o sacerdócio universal dos que creem:

"Vocês, porém, são geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo exclusivo de Deus, para anunciar as grandezas daquele que os chamou das trevas para a sua maravilhosa luz." (1 Pedro 2:9, NVI)

> *"...Àquele que nos ama e nos libertou dos nossos pecados por meio do seu sangue, e nos constituiu reino e sacerdotes para servir a seu Deus e Pai..."*
>
> (Apocalipse 1:5–6, NVI)

Portanto, todos os crentes em Cristo participam do sacerdócio real, realidade espiritual e inclusiva, em contraste com o sacerdócio levítico, exclusivo aos descendentes de Levi (e, para ofício sacerdotal, aos de Arão).

• O fim do sistema sacrificial levítico

> *"A lei é apenas uma sombra dos bens vindouros... é impossível que o sangue de touros e bodes tire pecados."*
>
> (Hebreus 10:1–4, NVI)

O autor de Hebreus mostra que o sistema sacrificial era sombra do sacrifício perfeito de Cristo. Cristo, com Sua morte e ressurreição, o antigo sistema foi cumprido e tornou-se obsoleto; o sacerdócio levítico perde, assim, sua vigência tipológica diante do sacerdócio eterno de Cristo.

• Marcos históricos que reforçam a transição

• 70 d.C. – Destruição do Segundo Templo: o centro do culto judaico e do sistema sacrificial foi destruído; as funções levíticas tornaram-se inexequíveis.

• Culminância cristã: os primeiros cristãos (muitos judeus) entenderam que Cristo cumpriu a Lei; o culto passou a girar em torno da Ceia, pregação e oração (cf. Efésios 4:11–12; Tito 1:5–9).

• Concílio de Jerusalém (Atos 15): definiu que os gentios não estavam obrigados à Lei mosaica, reforçando a distinção entre práticas judaicas e a fé cristã.

Conclusão parcial: o sacerdócio atual na Igreja está enraizado na Nova Aliança, em Cristo, — não no levítico, nem em linhagens como Cohen, Levi, Levis.

• Implicações para "direito" ao dízimo hoje

Como vimos, o sacerdócio levítico, extinto em sua função cultual, não possui relação direta com os líderes religiosos atuais. Aqueles que reivindicam herança levítica para justificar o recebimento de dízimos incorrem, no mínimo, em grave equívoco. A função sacerdotal, hoje, está centrada exclusivamente em Jesus Cristo, nosso único e perfeito Sumo Sacerdote. Qualquer tentativa de equiparar-se aos sacerdotes levitas para

obter benefícios financeiros revela, quando menos, má-fé ou incompreensão da Nova Aliança.

“De sorte que, se a perfeição fosse pelo sacerdócio levítico (porque sob ele o povo recebeu a lei), que necessidade havia logo de que outro sacerdote se levantasse, segundo a ordem de Melquisedeque, e não fosse chamado segundo a ordem de Arão?

Porque, mudando-se o sacerdócio, necessariamente se faz também mudança da lei.”

> “
>
> (Hebreus 7:11–12)

Se mudou o sacerdócio, mudou a lei. Assim, o “direito” levítico ao dízimo não se transfere ipso facto a líderes cristãos da Nova Aliança.

• Um problema pastoral e eclesiológico

O sistema religioso contemporâneo, muitas vezes, separa líderes do restante do corpo, como se fossem casta exclusiva, únicos intérpretes e ungidos, enquanto mantêm a membresia dependente e imobilizada. Alega-se “falta de discipulado”, mas raramente se reconhece e envia crentes maduros ao ministério público; ao contrário, muitos são constrangidos por oratórias persuasivas e apelos emocionais, tornando-se inseguros e silenciosos. Onde está, então, a confiança no Espírito Santo para capacitar o povo de Deus? Não deveríamos desejar milhões de sacerdotes (crentes) proclamando o Evangelho “por todos os meios”, internet, folhetos, livros, testemunhos, casas, viagens, apressando a chegada da plenitude dos gentios? A realidade é que, dentro de muitas denominações, não convém haver muitos “sacerdotes”: faltaria dinheiro se todos fossem “lotados” e mantidos no templo, o que contraria o “ide” de Jesus. Desse modo, a sustentação do sistema torna-se, frequentemente, prioridade maior do que a missão.

• E quanto ao dízimo, afinal?

Se, na lógica atual, qualquer líder cristão cobra dízimo como se fosse levita, então, por essa mesma lógica, todos nós, sacerdotes em Cristo, poderíamos igualmente cobrá-lo. Mas isso seria errado do ponto de vista moral, bíblico e pastoral, para nós e para eles. O dízimo, como vimos, pertenceu ao sistema levítico: templo em Jerusalém, levitas sem herança, sacrifícios, festas e lei cerimonial. Sob a Graça, o padrão é outro: liberalidade voluntária, alegria, propósito no coração, transparência e sustento da obra sem imposições legalistas. Esse é o caminho que desenvolveremos nos capítulos seguintes.

Conclusão do capítulo

• O sacerdócio de Cristo é superior e definitivo; O sacerdócio universal dos crentes substitui a exclusividade levítica; O sistema sacrificial foi cumprido em Cristo; Historicamente e biblicamente, o dízimo levítico não fundamenta a cobrança eclesiástica na Nova Aliança; A missão do corpo de Cristo é enviar, capacitar e servir, não confinar e explorar.

> *"Porque mudando-se o sacerdócio, necessariamente se faz também mudança da lei."*
>
> (Hebreus 7:12)

Nos próximos capítulos, veremos como a generosidade cristã, em liberdade e verdade, sustenta a obra de Deus sem recorrer a imposições judaizantes.

PARTE II

Desconstruindo Argumentos

Capítulo 4

O Dízimo na Prática: Da Lei à Manipulação Moderna

No cenário contemporâneo, as congregações adotaram o hábito de solicitar, e em algumas denominações exigir, o dízimo de seus membros. Este pedido é, supostamente, fundamentado na lei cerimonial judaica, levítica. Alguns vão ao extremo de publicar os nomes dos "inadimplentes" em placas com acesso público dentro da congregação denominacional. Tentam um paralelismo com o templo de Jerusalém que já não existe mais desde o ano 70 d.C. O gazofilácio já não é suficiente para o depósito dos dízimos nos seus devidos envelopes. Na busca por facilidade de recebimento dos valores, muitos líderes de denominações optam pela tecnologia, oferecendo aos fiéis máquinas para pagamento dos dízimos e ofertas no cartão de crédito ou débito. Tudo em nome de uma suposta praticidade para os fiéis, mas na realidade, com o intuito claro de incrementar seus próprios cofres e contas bancárias, as ditas "casas do tesouro". Ocultam dos fiéis que o dízimo, tal como descrito na lei mosaica, acabou no Calvário.

O dízimo da maneira que é hoje exigido ou recomendado pelos líderes religiosos é uma vergonha, mas antes de tudo uma covardia. Digo isto porque usam o nome de Deus para exigir algo indevido, colocando os fiéis, os irmãos a quem dizem amar, sob constrangimento e engano de estarem roubando a Deus, usando a própria fé contra quem dizem amar. Quando confrontados

com este fato e as provas bíblicas que o comprovam, esses líderes religiosos se apegam ao dízimo de Abraão a Melquisedeque. Quando isso também é desmascarado, eles apelam para o voto de dízimo de Jacó. Sendo refutados novamente, tentam justificar com o livro de Malaquias, numa interpretação frágil e tendenciosa.

É importante lembrar que o dízimo veterotestamentário não foi instituído para manter o trabalho evangelístico, mas sim para atender às necessidades dos levitas que não tinham herança na Terra Prometida, bem como prover as viúvas, os órfãos e os estrangeiros, em resumo, aqueles que estavam em situação de necessidade. Isso está registrado em Deuteronômio 14:22-29. Este entendimento por si só já desmantela a prática atual de cobrança do dízimo. Devemos recordar que Jesus Cristo não solicitou dízimos para Si mesmo, para Seu ministério ou para a Sua Igreja, que só foi estabelecida após a descida do Espírito Santo, conforme registrado em Atos dos Apóstolos.

Relacionar Jesus Cristo com a prática do dízimo é um completo absurdo por diversas razões. Por exemplo, usando Abraão como referência, Jesus poderia reivindicar o dízimo, pois Ele pertence à ordem de Melquisedeque, rei de Salém, sumo sacerdote do Altíssimo. No entanto, segundo a lei mosaica, sacerdotal levítica, Ele não poderia exigir dízimos, porque não pertencia à tribo de Levi, mas à tribo de Judá. Não era da ordem sacerdotal (Cohen, Levi, Levis) tratada na lei cerimonial. Portanto, seria ilógico que Jesus estabelecesse para a sua Igreja, que seria composta majoritariamente por gentios, uma prática cerimonial judaica que foi abolida na cruz do Calvário pelo estabelecimento da Nova Aliança. Onde consta nas Escrituras a ordem de Jesus Cristo para a cobrança do dízimo à Sua Igreja? Onde os apóstolos estabeleceram tal coisa? Pelo que sabemos, Jesus Cristo não exigiu dízimos, mas pagou impostos. Totalmente o oposto do que é praticado nos dias atuais. A atual cobrança de dízimos baseada na Lei Cerimonial Levítica é absurda, vergonhosa, sombria, covarde, para não dizer patética.

> *"Porque, mudando-se o sacerdócio, necessariamente se faz também mudança da lei."*
>
> (Hebreus 7:12)

É impossível conceber um cenário onde Jesus fosse reconhecido e aceito pelo seu povo como o tão esperado Messias, como sumo sacerdote, para então estar apto para receber dízimos. Jesus não pertencia à linhagem de Arão, dos levitas. Neste cenário surreal, nem teríamos conhecido Jesus. O povo de Israel já teria cumprido o seu papel e tudo estaria consumado. Vivemos sob o Novo Concerto, sob a Nova Aliança, dentro da religião cristã, não da religião judaica. Por outro lado, incrivelmente, muitos citam este trecho abaixo de Mateus, do Novo Testamento, para justificar a cobrança atual do dízimo:

> *"Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque dais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho e tendes negligenciado os preceitos mais importantes da Lei: a justiça, a misericórdia e a fé; devíeis, porém, fazer estas coisas, sem omitir aquelas! Guias cegos, que coais o mosquito e engolis o camelo!"*
>
> (Mateus 23:23,24)

É um equívoco inquietante procurar respaldo para a prática do dízimo em tal versículo bíblico. No momento em que Jesus proferiu essas palavras, falava aos judeus, ainda sob a vigência da Lei Mosaica. Entretanto, é relevante recordar que a lei cerimonial iria prescrever com o Seu sacrifício na cruz do Calvário e o Seu ressuscitar. Tanto Ele como os judeus estavam, naquela ocasião, ainda sob a observância da lei. Cristo, em Sua humanidade e divindade, cumpriu integralmente a lei, algo que nenhum outro homem poderia realizar. Os fariseus, saduceus e escribas exigiam do povo a fidelidade à Lei, contudo, eles próprios não a observavam e nem faziam

esforços nesse sentido, uma vez que é impossível para o homem cumprir a lei em sua totalidade. O único que logrou cumprir inteiramente a lei foi Jesus Cristo de Nazaré, caso contrário, teria incorrido em pecado.

Nessa passagem histórica da vida de Jesus, Ele repreende os fariseus e escribas, pois, embora fossem meticulosos ao entregar o dízimo de coisas mínimas (como hortelã, endro e cominho), negligenciavam o essencial: a justiça, a misericórdia e a fé. Aqueles que se enquadravam nas condições estabelecidas e ainda se encontravam sob a vigência da lei deveriam continuar a entregar os dízimos. Contudo, acima de tudo, deveriam empenhar-se em cumprir o que Jesus indicou como sendo de maior importância: a prática da justiça, da misericórdia e da fé, o que eles não praticavam.

A prática do dízimo que muitas congregações contemporâneas impõem a seus fiéis não guarda semelhança com as tradições do passado, o que acredito ser, como mencionado anteriormente, uma discrepância preocupante. Mais preocupante ainda é constatar que em algumas denominações quem não for dizimista não pode participar dos ministérios. Se já participa e se descobre que não dizima, é retirado da obra, ou seja, sofre discriminação dentro da própria congregação, causando divisões. Especialmente alarmante é que tal imposição provém daqueles que dizem ser servos de Deus, que afirmam viver no temor do Senhor. A situação se agrava ao considerarmos que, nesse processo, eles desvirtuam a verdade aos irmãos na fé. Todos nós sabemos qual é a origem da mentira. Estariam tais igrejas, inadvertidamente, transformando-se em sinagogas de Satanás?

Vigilância e oração são exortações recorrentes nas Escrituras Sagradas. Fomos instruídos a ser tão inocentes quanto as pombas, mas tão prudentes quanto as serpentes. A bondade não deve ser confundida com ingenuidade, nem se deve permitir que sejamos facilmente ludibriados pelos indivíduos astutos deste mundo, lobos devoradores em pele de cordeiro. A exigência de

dízimos dos cristãos na contemporaneidade é uma prática inaudita, imperdoável e de fato escandalosa. O dízimo, uma ordenança da lei levítica, aplicava-se especificamente ao antigo sistema religioso. Era entregue em um local particular, o Templo, na Casa do Tesouro, em Jerusalém - uma edificação que, conforme já salientamos, hoje não mais existe, tendo sido destruída pelos romanos por volta do ano 70 d.C. Destaca-se que a Lei Mosaica englobava diversos preceitos destinados ao amparo dos menos favorecidos, dentre os quais se inclui a autorização para que os pobres recolhessem grãos das extremidades dos campos, a obrigatoriedade de absolver dívidas a cada sétimo ano e a instituição de um ano sabático em intervalos de sete anos, período no qual a terra deveria permanecer em descanso e seus produtos seriam disponibilizados para os pobres e a fauna local.

No capítulo 8 veremos o dízimo de Abraão a Melquisedeque e no capítulo 9, o voto de dízimo de Jacó. É espantoso constatar que ainda existem líderes religiosos que têm a ousadia de solicitar, e até mesmo exigir, além dos dízimos e ofertas, as primícias - os primeiros frutos do labor, que atualmente, segundo eles, são representados por dinheiro. Tais indivíduos são usurpadores sem escrúpulos, mentirosos gananciosos, que estabelecem templos como meio de garantir um emprego e ter membros que trabalhem em seu lugar, tudo isso invocando o nome de Deus. É infinitamente mais fácil aprimorar a arte da homilética, cultivar uma bela oratória e memorizar versículos bíblicos para iludir os prosélitos do que realmente engajar-se em um trabalho legítimo, já que na verdade não possuem temor a Deus, pois mentem, enganam e ameaçam os irmãos em Cristo. Desenvolver uma boa lábia é uma estratégia de praxe do bom enganador, estratégia dos espertos! Ninguém deveria transformar a fé cristã em uma profissão, em um meio de ganhar dinheiro. O “dar de graça o que recebestes de graça” nada vale para estes líderes.

> *Curai os enfermos, ressuscitai os mortos, purificai os leprosos, expulsai os demônios. Dai de graça o que recebestes de graça.*
>
> (Mateus 10:8)

Basta olhar para o exemplo do apóstolo Paulo, que não foi peso para seus irmãos na fé, embora tenha sido ajudado espontaneamente muitas vezes. Tampouco é útil justificar-se por meio de metáforas, afirmando que o boi tem direito de se alimentar enquanto trabalha. Este argumento é antiquado, tendencioso e desprovido de veracidade neste contexto elucidado e elucidando, pois como vimos e ainda veremos mais, há diversas contestações plausíveis! Com certeza, qualquer pessoa poderia justificar atos horrendos, até mesmo assassinatos ao citar versículos bíblicos isolados de maneira tendenciosa, sem considerar a totalidade da Escritura. Caso o dízimo fosse aplicável em nosso tempo, o que certamente não é, dada sua incongruência tanto no exemplo de Abraão e Jacó quanto na lei cerimonial, sua execução, de forma simplificada, ocorreria resumidamente da seguinte maneira:

- Seria pago por aqueles envolvidos com criação de gado e agricultura.
- Uma parcela das colheitas seria deixada intocada para que os menos afortunados pudessem colher.
- Seria entregue exclusivamente na forma de produtos agrícolas e gado.
- Seria depositado apenas no Templo em Jerusalém, na casa do Tesouro, semelhante a silos.
- Proveria sustento aos sacerdotes levíticos, Cohanim (ou Cohen), Levitas (ou Levis), bem como às viúvas, órfãos e estrangeiros (os necessitados).
- Parte do dízimo seria de fato consumida pelos próprios dizimistas em comunhão com Deus.
- Um tanto das produções deveria ser deixado no campo para os pobres.

Simples assim! Muitos destes líderes dizem que a maioria do povo não vive no campo e que o dízimo devido deve ser pago em dinheiro. Querem nos

fazer acreditar que não existia dinheiro naquela época, por isso era pago em produtos agrícolas e gado! Obviamente que o dinheiro existia na forma de moedas, prata, ouro, etc., mas o dízimo não era pago em dinheiro, como explicado anteriormente. A conclusão é que somos compelidos a discernir a nossa incontestável impossibilidade de atender ao dízimo, caso fosse requerido justamente, como aconteceu com os judeus no ano 70 d.C., pela destruição do templo em Jerusalém. Os sacerdotes e o templo citados já não figuram mais em nosso meio. Na era presente, a maioria das pessoas desempenha funções eminentemente urbanas. O dízimo, tal como foi instituído na Torá, para o fim específico para o qual foi criado, já não tem mais lugar. O dízimo, que uma vez foi bênção divinamente sancionada, foi corrompido pelas mãos de homens vorazes pelos interesses materiais. São profissionais da fé, com vínculo empregatício formalizado, ou são os próprios "proprietários da empresa". Frequentemente escutamos pessoas referirem-se à igreja, que deveria ser de Jesus Cristo, como sendo de determinado indivíduo, como por exemplo: “ontem fui na Igreja do Pastor Fulano de tal”. Muitos desses líderes transformam-se em figuras emblemáticas religiosas e até ídolos. Líderes que são idolatrados por sua congregação. Caso não seja tal indivíduo que esteja proferindo o culto, ministrando, as pessoas se ausentam, não prestam atenção, ou expressam seu desagrado. Muitos desses profissionais da fé têm metas financeiras a cumprir perante sua "presidência", "diretoria", ou alta cúpula. Assim, digo novamente, o que um dia foi bênção, transformou-se em maldição, uma trapaça do adversário, que corrompeu a verdade. Ao tentarem validar seus dízimos distorcidos e ao esforçarem-se para cumprir um preceito de uma lei já obsoleta, que fracassam em obedecer na íntegra, encontram-se eles mesmos sob o jugo desta maldição. Pela obsolescência da lei, a maldição também estaria obsoleta? Bem, se você se recusa a viver na graça e tenta subsistir sob a velha lei, pagando dízimos e falhando em outros itens da mesma lei, você estará sob maldição e ninguém pode garantir que a maldição estará obsoleta assim

como a velha lei está.

As congregações, por meio de seus líderes religiosos ávidos, que desejam continuar recebendo contribuições financeiras baseadas na prescrita lei cerimonial dos dízimos, argumentam de forma simplista que tal prática é justamente devida a eles e às suas denominações. Sustentam que são equivalentes aos antigos sacerdotes, e que a denominação deles representa o templo de Jerusalém, a Casa do Tesouro. Alegam que a contribuição deve ser oferecida com amor e alegria, que não se deve questionar tal prática, mas simplesmente realizá-la, para assim aprender e exercitar a generosidade, o ato de doar sem mesquinhez. Pior de tudo é que nem ficam vermelhos de vergonha! Muitos líderes, como forma de dar o exemplo, doam o dízimo de seus próprios salários, sem perceber que estão cometendo um erro grave, segundo a sua própria doutrina distorcida da obrigatoriedade do dízimo, e contradizendo as escrituras que falam sobre o comer da sua própria semente, ou seja, numa certa hipocrisia, doam e comem do que doam. Como explicado anteriormente, afirmam ainda que nos dias de hoje as pessoas pagam em dinheiro porque não trabalham mais com gado e agricultura, assim dizendo, eles mesmos provam que aquele dízimo nada tem a ver com o que atualmente cobram; dizem que o templo para entrega dos dízimos é a congregação deles ("templo construído por mãos humanas"); que os líderes, e só eles, são os sacerdotes, vez ou outra ordenando os raros pastores preparados. Será que eles acreditam em Papai Noel e no Coelho da Páscoa também? O dízimo é tão absurdo quanto essas coisas. De má-fé, não informam aos membros, fiéis que, durante a época da vigência do dízimo, quem trabalhava na cidade, como pedreiros, ourives, carpinteiros, guardas, pescadores, entre muitas outras profissões existentes desde a antiguidade, não pagavam dízimos. Jesus, seguindo o exemplo de seu pai terreno José (padrasto), era carpinteiro, mas será que pagava dízimo? Exploraremos isso no próximo capítulo.

Capítulo 5

Jesus dizimava? Ele cumpriu a lei de Mosaica?

5

"Jesus dizimava? Essa é uma pergunta intrigante que desperta a curiosidade de muitos. Ao examinarmos as Escrituras Sagradas, encontramos registros dos ensinamentos de Jesus e de suas práticas durante seu ministério terreno. No entanto, não há evidências de que Jesus tenha praticado o ato de dizimar, isto é, dar o décimo de sua renda ou bens de acordo com a lei de Moisés. Não há também registros bíblicos de que José, padrasto de Jesus, entregava seus dízimos. Na sua grande maioria, esses profissionais, como José, que era carpinteiro, viviam suas vidas simples com salários modestos. Era justo que não pagassem dízimos para não prejudicar o sustento de suas famílias. Lembrem-se que José entregou duas pombinhas no templo, por ocasião do nascimento de Jesus, que era uma oferta de quem era pobre. Quem tinha melhores condições financeiras entregava um cordeiro (Levítico 12:1-8, Lucas 2:22-24)."

É importante notar que a Lei Mosaica continha várias disposições para o cuidado dos pobres, incluindo a permissão para que os pobres coletassem grãos das bordas dos campos, a exigência de perdoar dívidas a cada sete anos e a criação de um ano sabático a cada sete anos durante o qual a terra deveria ser deixada em repouso e seus produtos deixados para os pobres e para a vida selvagem. Bem diferente do entendimento de hoje, onde os líderes religiosos dizem ser legítimos os dízimos de todos, independentemente de sua renda, sem distinção. Que justiça é esta? Já vimos pessoas entregando até o valor de sua passagem de ônibus, do templo de volta para sua casa, tendo que voltar a pé, sofrendo todo tipo de perigo no caminho, tentando ser fiel ao Senhor, constrangidas e enganadas pelos líderes que dizem amar seus irmãos em Cristo. Parece que ainda não entenderam o que é a Graça e o que é ajudar o necessitado.

Embora Jesus tenha nascido e vivido sob a antiga aliança, ele trouxe uma nova perspectiva e um novo pacto através de sua morte e ressurreição. Jesus cumpriu a lei de Moisés de uma maneira única e profunda. Ele encarnou o propósito e a plenitude da lei, revelando sua verdadeira essência e significado. Sua vida, ensinamentos e sacrifício na cruz trouxeram uma nova dispensação, conhecida como a Nova Aliança, em que a salvação é alcançada pela fé em Cristo e não pelas obras da lei.

Ao ensinar sobre a lei, Jesus enfatizou a importância dos princípios subjacentes, como o amor a Deus e ao próximo, em vez de se prender a observâncias legais externas. Ele desafiou os líderes religiosos de sua época, que muitas vezes se concentravam em cumprir rituais e obrigações cerimoniais, sem uma verdadeira transformação de coração. Portanto, embora não haja registro de Jesus praticando o dízimo conforme prescrito na lei de Moisés, sua mensagem e seu ministério foram além das formalidades

legais, apontando para uma nova maneira de relacionamento com Deus baseada na graça, no amor e na fé.

Se ele era judeu, por que não dizimava? Porque era carpinteiro como seu pai terreno José, que não possuía gado nem plantação. O dízimo era dado em gado e produtos agrícolas (2 Crônicas 31:5), nunca em dinheiro, pois Deus conhece bem os males do amor ao dinheiro. Veja este versículo:

> *"Mas se o local for longe demais para você, e você tiver sido abençoado pelo Senhor, o seu Deus, e não puder carregar o dízimo (porque o local escolhido pelo Senhor para ali pôr o seu nome está longe demais), então troque o seu dízimo por prata, e leve a prata ao local que o Senhor, o seu Deus, tiver escolhido. Use a prata para comprar o que quiser: bois, ovelhas, vinho ou outra bebida fermentada, ou qualquer outra coisa que desejar. Então você e sua família comerão e se alegrarão na presença do Senhor, o seu Deus." (Deuteronômio 14:24-26).*

Estamos cientes de que Jesus Cristo cumpriu plenamente a Lei. Então, como Ele poderia não ter dizimado? Se Ele estava sob a Lei e não dizimou, teria então pecado? Estaria debaixo de maldição e vulnerável à ação do devorador? Em relação à manutenção do Seu ministério, Ele recebia doações, que também eram destinadas aos necessitados. Dependia unicamente de ofertas e contribuições, muitas delas de mulheres, conforme registrado nas Escrituras.

Jesus falou muitas vezes sobre esmolas, inclusive sobre a maneira adequada de dar. Por que não ouvimos sermões sobre isso nas congregações? Seria porque, se o povo de Deus desse mais esmolas, não sobraria para entregar o dízimo na congregação? No Capítulo 6 falaremos sobre isto.

Há quem se endivide para pagar os dízimos! Existem dízimos modernos, pagos até com cartão de crédito e débito, como já dito, que muitas vezes contam com recursos baseados em recebimentos futuros (criando dívidas). Jesus nos mostrou o modo correto de agir. O Filho do Homem, Jesus Cristo de Nazaré, foi o único que cumpriu a Lei em sua totalidade, inclusive em nosso lugar. Se o dízimo fosse algo pertencente ao Seu ministério, à Sua doutrina, às Suas ordenanças, Ele teria sido muito claro e teria deixado expressamente ordenado. No entanto, Jesus Cristo nos disse que Seu jugo é suave e Seu fardo é leve, compreendemos isso em todos os sentidos.

Nesta hora é muito importante lembrar do primeiro concílio dos apóstolos, o Concílio de Jerusalém. Após um debate intenso, chegaram a um consenso. Foi decidido, com a liderança do apóstolo Pedro e do apóstolo Tiago (irmão de Jesus), que os gentios convertidos ao cristianismo não eram obrigados a seguir a Lei de Moisés e nem a se circuncidarem. No entanto, eles foram instruídos a seguir algumas normas, descritas na carta enviada aos gentios convertidos, que são: abster-se de comida oferecida a ídolos, abster-se de sangue e de carne de animais estrangulados e abster-se da imoralidade sexual. Foi tratada e ordenada a cobrança dos dízimos? Não! Isto será comentado adiante. Essas decisões representavam uma mudança significativa na prática religiosa, distanciando o cristianismo das práticas do judaísmo tradicional e estabelecendo-o como uma religião separada.

A antiga lei, especificamente a lei cerimonial, instituía o dízimo como meio de prover para os sacerdotes. Contudo, Jesus Cristo nos elevou ao papel de sacerdotes e arautos do Evangelho, encarregados de levar Sua palavra a todas as nações até a consumação dos séculos, momento em que Israel atingirá seu propósito pleno. Cristo nos instruiu a nutrir um coração benevolente, generoso e repleto de gratidão a Deus, o Criador supremo de todas as coisas visíveis e invisíveis. Ele é o único proprietário de toda riqueza, de tudo o que existe, inclusive das nossas próprias vidas. O verdadeiro desafio reside em

reconhecer essa realidade e dedicar tudo a Ele, até a nós mesmos, como ofertas, sacrifícios vivos de louvor.

O Mestre Único nos ensinou a não nos apegarmos a bens materiais, pois são como hologramas, transitórios e ilusórios. Em contrapartida, Ele nos proporcionou entendimento acerca do verdadeiro tesouro purificado pelo fogo, que são os dons espirituais de Deus. Ele nos instruiu a atender às necessidades dos menos afortunados, não somente através de terceiros ou instituições, mas por meio de nossa própria atuação. Cada um de nós tem o dever de servir e disseminar a Palavra de Deus ao próximo, de modo que todo o mundo seja atendido e evangelizado, aguardando unicamente o retorno de nosso único Senhor, Jesus Cristo de Nazaré.

Hodiernamente é lamentável notar que muitas congregações denominacionais, além das divisões, dissidências e facções já existentes, praticam ainda a inverdade, cujo progenitor é o próprio diabo. Algumas congregações guardam o sábado, se abstêm de certos alimentos considerados impuros, celebram festividades judaicas, como se, por meio dessas ações, pudessem alcançar a justificação ou "merecer" a salvação. No entanto, essas congregações não admitem que agem dessa forma por motivo de justificação. Proclamam ser a única Igreja de Jesus Cristo. Contudo, mais preocupantes ainda são as congregações que, similarmente, exigem dízimos de seus membros, sabendo internamente que isso é um erro, uma inverdade, conduzindo as pessoas ao equívoco, à maldição. O dízimo já foi uma bênção, mas o homem o transformou em maldição, distorcendo uma verdade de Deus. Tais congregações comercializam o Precioso Sangue de Cristo, envolvendo o tema do dízimo em uma aura de obscuridade, num equívoco intencional e de má fé. Estes líderes religiosos declaram amar a Deus, mas não demonstram amor ao próximo, ocultando verdades e disseminando inverdades. Sabemos que quem não ama o próximo, não ama a Deus. O amor ao irmão é uma demonstração de quem pertence ao Senhor. A maneira como

cobram o dízimo é algo inaceitável, pois são pastores, professores, teólogos, estudiosos das Escrituras, homens que dizem ser de Deus, mas compactuam com essa falsidade, pois muitos deles dependem dos dízimos. São remunerados e possuem direitos trabalhistas em denominações que são verdadeiras empresas com CNPJ, com bacharéis administradores. Argumentam que isso é necessário para se enquadrarem na legislação vigente. Ao que parece, têm o compromisso com essas questões do mundo e não com Deus. Muitos líderes entendem o erro e até pensam em mudar, mas dependem da decisão de seus superiores, ou temem por seu sustento e de sua família.

O que parece haver entre esses supostos "líderes espirituais" é um grande pacto estabelecido, pois como uma inverdade como o dízimo poderia persistir por tanto tempo em tantas denominações havendo tantas provas, escritos bíblicos e estudos contrários? Existe um obscurantismo no sistema religioso. Ao refletirmos profundamente, podemos constatar que o erro talvez esteja na base e essas congregações não sejam as verdadeiras Igrejas do Senhor Jesus Cristo, a Igreja de Filadélfia, conforme expresso em Apocalipse 3. Utilizam o Santo nome do Senhor para seus interesses mundanos. Não parecem temer ao Senhor. Ao cobrarem o dízimo, agem de forma semelhante ao diabo, que, sutilmente, com o passar do tempo, normalizou coisas erradas, imorais, inaceitáveis, antibíblicas em nossa sociedade, culminando no caos que vivemos hoje.

Em Atos dos Apóstolos, vemos que houve um intenso debate acerca da circuncisão e da observância da lei de Moisés, que levou à primeira reunião (Concílio de Jerusalém) dos apóstolos, como já citado anteriormente, para decidir como os crentes gentios deveriam proceder em sua fé, em sua vida cristã. Naquela ocasião, foi estabelecido, conforme o relato na carta apostólica:

> *"Os irmãos, tanto apóstolos como presbíteros, aos irmãos de dentre os gentios em Antioquia, Síria e Cilícia, saudações. Visto sabermos que alguns [que saíram] de entre nós, sem nenhuma autorização, vos têm perturbado com palavras, transtornando a vossa alma, pareceu-nos bem, chegados a pleno acordo, eleger alguns homens e enviá-los a vós outros com os nossos amados Barnabé e Paulo, homens que têm exposto a vida pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo. Enviamos, portanto, Judas e Silas, os quais pessoalmente vos dirão também estas coisas. Pois pareceu bem ao Espírito Santo e a nós não vos impor maior encargo além destas coisas essenciais: que vos abstenhais das coisas sacrificadas a ídolos, bem como do sangue, da carne de animais sufocados e das relações sexuais ilícitas; destas coisas fareis bem se vos guardardes. Saúde."*
>
> (Atos 15:23-29)

Prestemos muita atenção ao que disse o apóstolo Pedro, naquela ocasião em Jerusalém:

> *Pois Deus, que conhece os corações, lhes deu testemunho, concedendo o Espírito Santo a eles, como também a nós nos concedera. E não estabeleceu distinção alguma entre nós e eles, purificando-lhes pela fé o coração. Agora, pois, por que tentais a Deus, pondo sobre a cerviz dos discípulos um jugo que nem nossos pais puderam suportar, nem nós? Mas cremos que fomos salvos pela graça do Senhor Jesus, como também aqueles o foram. E toda a multidão silenciou...*
>
> (Atos 15:8-12)

Este grande discurso do apóstolo Pedro nos traz profunda clareza, pois é exatamente isto que fazem as denominações, colocam sob os fiéis pesados jugos. Avancemos para outra consideração: inúmeras congregações justificam a cobrança do dízimo convencendo-se de que, caso confiem apenas

nas ofertas voluntárias dos fiéis, não haverá recursos suficientes para o sustento da congregação. Esse pensamento fica evidente nos balanços financeiros dessas instituições religiosas, onde os valores oriundos do dízimo superam, de maneira significativa, os provenientes das ofertas. Na visão deles, o dízimo é um dever imposto a todo crente autêntico e respeitoso para com Deus, correspondendo a 10% do que ganham em dinheiro. Em virtude desse cenário, optam por perpetuar a inverdade do dízimo para as supostas Igrejas de Jesus Cristo, com o objetivo de compelir o povo de Deus a manter financeiramente a congregação com base em algo que nunca foi prescrito para os cristãos. Imputam a "culpa" da obrigatoriedade do pagamento do dízimo a Deus, evocando o temor do devorador. Trata-se de um ato de covardia de homens, líderes religiosos, que se autoproclamam de Deus para com seus semelhantes. Sustentam, portanto, que, sendo o dízimo uma obrigação imposta por Deus, as pessoas devem entregá-lo com amor e alegria à sua denominação. No entanto, é difícil acreditar nessa imposição divina aos cristãos, numa era marcada pela graça do Senhor! Não seria mais agradável a Deus a ajuda direta aos necessitados? Uma cesta básica, uma conta de luz ou de água paga quando já está prestes a ser cortada, não seriam essas, de fato, as verdadeiras formas de ajudar quem precisa, o desempregado, o aflito?

Os questionamentos que preenchem nossas mentes são: não seriam os líderes honrados, providos por Deus caso esclarecessem a verdade sobre o dízimo aos fiéis? Não é Ele quem provê para os Seus? O Espírito Santo de Deus não seria suficiente para tocar o coração daqueles que devem contribuir para a manutenção das reuniões, onde quer que elas ocorram? Estamos cientes de que Deus, o possuidor de todo o ouro, de toda a prata, enfim, de toda a riqueza, sendo o Criador de tudo, jamais ansiará ou necessitará de nosso dinheiro. Ele é o Deus Vivo! Entende que somos nós quem necessitamos de recursos materiais. Deus almeja nossa gratidão e um coração generoso, que dá, sem sombra de dúvida. Um coração que dá, não apenas seus recursos

financeiros, mas também seu tempo de vida, seu trabalho, a dedicação ao próximo e à obra do Senhor. Deus anseia pelo nosso coração, que deve ser bondoso, generoso e desapegado das coisas materiais. Ajudar um necessitado, um órfão, uma viúva, auxiliar no pagamento de uma conta de uma família carente, sem dúvida Deus vai "contabilizar". Ele perscruta e conhece nossos corações. O coração do homem é a chave de tudo. Um coração segundo o coração de Deus, como foi o de Davi. Aquele que busca recursos financeiros é o homem com suas instituições, estruturas, cargos eclesiásticos e até mesmo CNPJs, de fato, empresas lucrativas. Justificar que é apenas para "estar" dentro da lei do mundo não justifica. Não é surpreendente que sejam criadas congregações, como supostas igrejas de Cristo, que são verdadeiras máquinas de ganhar dinheiro, repletas de pecados, iniquidades e heresias, verdadeiras sinagogas de Satanás. A isenção de impostos para as igrejas é um grande atrativo e nenhum outro "negócio" é tão rentável, e também útil ao Estado. Trabalhar no mundo secular raramente traz o estrondoso sucesso que alguns líderes religiosos conseguem e, mais ainda, a fortuna que eles acumulam. Não é de se espantar que muitos empresários seculares tenham um caráter muito melhor que muitos líderes religiosos, pois preferem desempenhar seu papel em suas empresas abertamente lucrativas, sem enganar seus clientes a respeito dos seus produtos e serviços. Não utilizam o nome do Senhor indevidamente em seu trabalho como fazem estes líderes religiosos; preferem manter suas empresas altamente oneradas por uma tributação injusta, a abrir uma igreja com isenção de impostos e assim "levarem vantagem em tudo", a velha máxima. Muitos desses empresários do mundo secular, talvez nem tivessem coragem de fazê-lo, por temor a Deus, coisa que parece indiferente para a maioria dos líderes religiosos atuais, pois suas atitudes demonstram que não creem e não temem a Deus, ou foram enganados.

É inacreditável o que os homens fazem por dinheiro! Basta olhar a política brasileira e o tamanho da corrupção que atinge mais de 80% do nosso Congresso Nacional, na data que escrevo esse livro. Há parlamentares com diversos processos por corrupção e lavagem de dinheiro, entre outros crimes, impunes, sendo assim chantageados por autoridades mais altas, obrigando-os, ou fazendo-os (modus operandi), lutar contra os interesses do povo. Porém, não podemos generalizar, pois existem lá pessoas muito idôneas e de caráter ilibado, verdadeiros guerreiros que lutam pela verdade e pela justiça, mas falta-lhes ainda certo discernimento.

Inquieta o nosso coração o relato de certas "Igrejas de Cristo", bem aquinhoadas, com uma presença estabelecida tanto nacional quanto internacionalmente, que "sentiram" um chamado divino para pregar a palavra em uma localidade específica e lá estabelecer um templo. No entanto, ao se instalarem, com seu pastor quase autofinanciado, após alguns meses, observam que os fundos coletados não cobrem a manutenção da "Igreja". Assim, com uma simples ordem, mandam fechar as portas, deixando todos os fiéis fervorosos, necessitados da Palavra de Deus, órfãos, perdidos na "estrada da desolação". Uma pergunta se impõe: não era esse um chamado de Deus para evangelizar aquela cidade ou região? Se a denominação principal estava bem suprida e tinha meios para sustentar aquela pequena congregação por um período mais longo, por que não o fez, uma vez que acreditava ser um chamado de Deus? Será que Deus falhou no chamado? A congregação deveria "dar lucro" para permanecer aberta? E aquele percentual que as "filiais" enviam à "matriz" para tais eventualidades, onde será aplicado? Ou aqueles valores arrecadados pela matriz rica? Em automóveis, sistemas de som para o templo, instrumentos musicais, estacionamentos, aparelhos de ar condicionado, outros imóveis, todos usados para atrair mais pessoas a viverem na iniquidade e na maldição que eles próprios vivem? No cenário descrito, será que os membros da denominação principal, mais abastada, que

dizimam e fazem ofertas, se oporiam a manter a congregação "deficitária"? Creio que não! Aparentemente, a pregação do evangelho não era o objetivo principal, e talvez nem houvesse um chamado de Deus, mas certamente havia algo da vontade dos homens, em busca de crescimento numérico, uma ponto de presença a mais no mapa, resultados financeiros e outros interesses, talvez vaidades e enganos.

Em Mateus 5:23-24, Jesus ensina que, se alguém está trazendo uma oferta ao altar e se lembra de que tem um conflito não resolvido com alguém, deve primeiro resolver o conflito antes de apresentar a oferta, mas fui testemunha de um acontecimento arrepiante, um incidente que girava em torno do dízimo e do dinheiro. Havia um jovem, que já havia sido alvo de aconselhamento pastoral, por falhar drasticamente com sua esposa. Ele a tratava com total desprezo, tornando a vida dela num verdadeiro inferno na terra. Ela estava despedaçada, com os sonhos de uma vida feliz totalmente destroçados por uma existência repleta de sofrimento. Recebia do marido o rótulo de estúpida, mesmo sendo detentora de uma educação superior, inglês avançado e portando uma intelectualidade refinada e exuberante. Eles eram um casal com uma condição financeira confortável. Este jovem era um verdadeiro saltimbanco espiritual, pulando de uma denominação para outra, sempre com uma enxurrada de críticas. Para ele, o pastor nunca era bom o suficiente, o som sempre muito estridente, a pregação pouco inspiradora. Ou a congregação se apegava demais às tradições ou os cultos eram repletos de gritos excessivos, e assim seguia sua lista de reclamações. Incapaz de encontrar raízes em qualquer congregação, acumulou vários meses de dízimo, totalizando uma quantia imensamente expressiva, ultrapassando a casa dos sessenta salários mínimos. Um dia, ele se dirigiu à congregação onde sua esposa buscava refúgio espiritual, local onde já havia recebido conselhos e alertas disciplinares, mas que ele raramente frequentava. Com uma identidade não menos que evidente, ele entregou o grande montante à

tesouraria, a suposta casa do tesouro. Os pastores, que estavam plenamente cientes da situação calamitosa de pecado na qual ele estava imerso, e ainda que ele não tivesse aceitado ou concordado com a disciplina ministrada por eles, receberam de bolsos abertos o dinheiro que o jovem trouxe sob a designação de dízimo, como se tudo estivesse em perfeita harmonia. Ainda me encontro aturdido, tentando desvendar o que se passou nas mentes daqueles pastores. Talvez tenham conjecturado que, se ele não despejasse aquele montante de dinheiro ali, o faria em outra denominação. No mínimo, a menor das expectativas desses pastores que haviam investido tempo em aconselhamento e estavam ao par de toda a situação catastrófica, era que ele buscasse reconciliação, promovesse uma mudança drástica em seu comportamento com a esposa antes de depositar seus dízimos e ofertas aos pés do Senhor, como a própria Palavra de Deus instrui. No entendimento do dízimo que eles pregavam, insistindo que era uma obrigação da lei cerimonial levítica, esse seria o curso de ação correto, coerente com os textos bíblicos que pregavam. Contudo, por alguma razão sinistra, o dinheiro pareceu ser um "argumento" mais convincente. Não posso deixar de acalentar suspeitas inquietantes sobre as intenções daquele que doou e daqueles que aceitaram tais dízimos. Será que o jovem acreditava que, ao despejar o dízimo na suposta "casa do tesouro", a tesouraria da denominação, tudo se acertaria diante de Deus e que todos os tormentos que infligia à sua esposa seriam esquecidos, justificados? Será que ele imaginou que seria dispensado do reconhecimento de suas falhas, do arrependimento, do pedido de perdão e da necessidade urgente de uma mudança de comportamento? Agora, voltemos nossa atenção ao texto bíblico retrocitado:

> *"Portanto, se trouxeres a tua oferta ao altar, e aí te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa ali diante do altar a tua oferta, e vai reconciliar-te primeiro com teu irmão e, depois, vem e apresenta a tua oferta."*
>
> (Mateus 5:23,24)

Este episódio revelou uma verdade nua e crua, derrubando máscaras e desnudando as autênticas intenções e faces das pessoas envolvidas. Estes pastores cometeram atos que confrontam os ensinamentos bíblicos, permitindo-se serem enlaçados pelas coisas mundanas! Contudo, a maior aberração na questão do dinheiro dentro das congregações reside na contradição flagrante com a própria essência do evangelho, tal como podemos constatar em Mt 6:19-21, 1 Jo 2:15-17, entre outros trechos sagrados. Congregações que só conseguem respirar aliviadas com seus cofres recheados, numa situação confortável, têm seus corações ancorados no dinheiro, nos tesouros efêmeros deste mundo:

> *"Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam; Mas ajuntai tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não minam nem roubam. Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração."*
>
> (Mateus 6:19-21)

"Não ameis o mundo, nem o que no mundo há. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele. Porque tudo o que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não é do Pai, mas do mundo. E o mundo passa, e a sua concupiscência; mas aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre. " (1 João 2:15-17)

Em relação ao incidente do jovem e do dízimo, estaria eu julgando os pastores? De maneira alguma, apenas exponho os fatos que ilustram atitudes contraproducentes ao evangelho, cometidas por esses líderes espirituais. O meu propósito é suscitar reflexões sobre tais questões e lançar luz sobre tais condutas que, a meu ver, são marcadas por um interesse exacerbado nas coisas materiais. É necessário ainda evidenciar as consequências que a negligência aos ensinamentos bíblicos pode acarretar.

Consideremos mais alguns pontos que nos ajudarão na compreensão:

> *Jesus Cristo disse: "Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve."*
>
> (Mateus 11:30)

> *Jesus Cristo, em sua sublime sabedoria, destilou toda a complexidade em pura simplicidade, mas as pessoas, em sua desatenção, frequentemente deixam escapar: "Jesus respondeu, e disse-lhes: A obra de Deus é esta: Que creiais naquele que Ele enviou."*
>
> (João 6:29)

> *É essencial que abandonemos as trivialidades deste mundo. Jesus proclamou que Ele não pertencia a este lugar, e do mesmo modo, nós também não somos daqui.*
>
> (João 17:16)

> *A verdadeira riqueza purificada é encontrada nas preciosidades espirituais de Deus.*
>
> (Apocalipse 3:18, 1 João 2:15)

> *Os bens materiais não possuem essência. São efêmeros, triviais e desprovidos de real valor.*
>
> (Mateus 6:19-21, 1 João 2:15)

Os impasses que brotam do dinheiro e da autoridade que ele concede são indiscutíveis. Não temos que olhar além de nossos governantes ou das supostas "Igrejas de Cristo", denominações congregacionais que se espalham ao redor do globo, especialmente no Brasil, exigindo seus dízimos sem fundamentação legal. Propagam a teologia da prosperidade, ansiando um crescimento cujo objetivo é certamente aumentar seu corpo de dizimistas. Alguns audaciosamente afirmam que o crescimento da congregação não se refere a números, mas a vidas. No entanto, de maneira sorrateira, implementam doutrinas que confrontam as Escrituras, como a de um renomado pastor de uma congregação norte-americana em um de seus livros de sucesso, que insinua que a ovelha desgarrada não é um dos objetivos. Buscam um progresso alicerçado nos anseios humanos, no crescimento da congregação, nos números, e não nos desejos de Deus, com justificativas que são contrapostas ao evangelho ou com interpretações distorcidas das Escrituras, verdadeiros sofismas.

Há orientações que sugerem ser mais frutífero concentrar todas as energias em um novo convertido do que buscar uma ovelha que se perdeu, algo completamente oposto ao que a Bíblia ensina. Seriam, então, os perdidos do mundo, os que não creem em Jesus Cristo de Nazaré, as verdadeiras ovelhas perdidas e os únicos alvos dignos de busca? E a ovelha que já estava

no rebanho e se desviou, não seria digna de ser resgatada por causa do "custo" do resgate?

Como entender, então, a parábola de Jesus sobre a ovelha perdida?

> *"O que acham vocês? Se um homem tiver cem ovelhas e uma delas se perder, não deixará ele as noventa e nove nos montes, indo procurar a que se perdeu? E, se conseguir encontrá-la, garanto-lhes que ficará mais feliz por causa dessa do que pelas noventa e nove que não se perderam. Da mesma forma, o Pai de vocês, que está nos céus, não quer que nenhum destes pequeninos se perca."*
>
> (Mateus 18:12-14)

Passemos, então, à análise do próximo texto bíblico:

"Porque o amor ao dinheiro é a raiz de toda a espécie de males; e, nessa cobiça, alguns se desviaram da fé e se traspassaram a si mesmos com muitas dores." (1 Timóteo 6:10)

As ruas estão cheias de sem tetos, de supostos "ex-crentes", pessoas rejeitadas pela sociedade e pelas próprias congregações, que muitas vezes fazem vista grossa diante disso. Buscar a ovelha perdida dá trabalho demais; é mais fácil focar nos novos convertidos. Como é possível que esses líderes "religiosos" não confiem que Deus proverá o essencial para a manutenção da congregação, se afirmam compreender a necessidade de se reunirem em templos e pregam fé em Deus e não no homem? Pregam, mas não vivem o que pregam? Seria puro farisaísmo, ou estariam cientes de que não são a verdadeira Igreja do Senhor Jesus Cristo? Com isso, acabam contrariando o que Paulo declarou em Atos 17:24-25. Interpretam o dízimo ao pé da letra em uma parte das Escrituras e, em outra, o aplicam de forma totalmente descontextualizada, conforme lhes é conveniente, seletivamente como temos

visto novamente na política e no judiciário brasileiro.

Capítulo 6

Esmolas: A Generosidade Segundo Jesus

A prática de dar esmolas, ou ajudar os pobres e necessitados, é mencionada em vários livros da Bíblia e é considerada um ato de caridade e justiça.

Veja o que diz o Velho Testamento:

> *a) "Quem trata bem os pobres empresta ao Senhor, e ele o recompensará." (Provérbios 19:17 (NVI)).*

> *b) "Se houver um pobre entre os seus irmãos em alguma das cidades da terra que o Senhor, o seu Deus, lhe está dando, não endureça o coração nem feche a mão para com esse pobre. Ao contrário, seja generoso e empreste-lhe o que ele precisar." (Deuteronômio 15:7-8 (NVI)).*

Veja o que dizem os Evangelhos:

"a) "Tenham o cuidado de não praticar suas 'obras de justiça' diante dos outros para serem vistos por eles. Se fizerem isso, vocês não terão

nenhuma recompensa do Pai celestial. Portanto, quando você der esmola, não anuncie isso com trombetas, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, a fim de serem honrados pelos outros. Eu lhes garanto que eles já receberam sua plena recompensa. Mas quando você der esmola, que a sua mão esquerda não saiba o que está fazendo a direita, de forma que você preste a sua ajuda em segredo. E seu Pai, que vê o que é feito em segredo, o recompensará." (Mateus 6:1-4 (NVI)).

> *b) "Mas deem o que está dentro do prato como esmola, e verão que tudo lhes ficará limpo." (Lucas 11:41 (NVI)).*

Nos Atos dos Apóstolos:

> *a) "Ele e toda a sua família eram devotos e tementes a Deus; davam muitas esmolas ao povo e oravam continuamente a Deus." (Atos 10:2 (NVI)).*

> *b) "Cornélio olhou para ele com medo e perguntou: 'Que é, Senhor?'. O anjo respondeu: 'Suas orações e esmolas subiram como oferta memorial diante de Deus." (Atos 10:4 (NVI)).*

Agora prestem atenção no ensino de Jesus sobre esmolas. Jesus ensinou que a prática de dar esmolas deve ser feita com um coração sincero e humilde, não para obter reconhecimento ou elogios dos outros, mas como um ato de verdadeira caridade e amor ao próximo. Ele destacou a importância de fazer isso discretamente, para que a motivação seja pura e centrada em agradar a Deus, não aos homens.

Mateus 6:1-4 é uma passagem chave onde Jesus ensina sobre como dar esmolas. Ele enfatiza que a esmola deve ser dada em segredo, e que Deus, que vê o que é feito em segredo, recompensará aqueles que dão com sinceridade. A Bíblia, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, fala extensivamente sobre a importância de dar esmolas como uma expressão de caridade e justiça. Jesus Cristo também abordou o tema, ensinando que a esmola deve ser dada com um coração puro e sincero, buscando agradar a Deus em vez de buscar a aprovação dos homens.

Diante do exposto, pergunto a vocês: quantas vezes vocês ouviram ministração sobre esmolas nas congregações? Sobre o dízimo e ofertas são feitas quase todo o dia, senão em todos os dias! Alguém ou o governo proibiu as esmolas? Alguém impediu você de dar esmolas? Porque ninguém fala disto nas denominações? É mais importante o dízimo e as ofertas do que as esmolas, atendendo direto a quem precisa? É inseguro dar esmolas? Você será enganado pelo necessitado? Quando você der a esmola você definirá onde o necessitado deverá gastar sua doação? Afinal você deu a esmola ou quer o controle da vida daquele que recebeu? Pense nisso!

Capítulo 7

Dízimo atual, uma pedra de tropeço, uma maldição?

Precisamos destacar que, na atualidade, o dízimo se tornou um vasto desafio para as autodenominadas Igrejas de Jesus Cristo. Ele se torna um obstáculo, pois as pessoas, instigadas pela teologia da prosperidade e pela avidez inerente ao ser humano, buscam fazer negociações com Deus. Dar para obter em troca. Um comportamento totalmente contrário ao que a Bíblia preconiza. Embora tentem ocultar tal atitude, no íntimo de seus corações, preferem deixar de pagar uma conta para ofertar o dízimo, não por amor e gratidão a Deus, como muitos proclamam, mas na esperança de receber mais do que deram, alcançarem prosperidade sobre alicerces de falsidade e também pelo medo da figura do devorador das finanças, que os líderes religiosos lhes incutem na mente. Aquela famosa narrativa de receber de volta 1 por 60 vezes, ou até mesmo 1 por 1000 vezes o que foi dado, etc. Testemunhei amigos, avançando para os limites do cheque especial para não faltar com a "obrigação" do dízimo, temendo a figura do “devorador demoníaco”. Vamos mergulhar nas escrituras, especificamente em Amós 5:21-27:

“Odeio, desprezo as vossas festas, e as vossas assembleias solenes não me exalarão bom cheiro. E ainda que me ofereçais holocaustos, ofertas de alimentos, não me agradarei delas; nem atentarei para as ofertas pacíficas de

vossos animais gordos. Afasta de mim o estrépito dos teus cânticos; porque não ouvirei as melodias das tuas violas. Corra, porém, o juízo como as águas, e a justiça como o ribeiro impetuoso. Ofereceste-me vós sacrifícios e oblações no deserto por quarenta anos, ó casa de Israel? Antes levastes a tenda de vosso Moloque, e a estátua das vossas imagens, a estrela do vosso deus, que fizestes para vós mesmos. Portanto vos levarei cativos, para além de Damasco, diz o Senhor, cujo nome é o Deus dos Exércitos."

Nesse momento, o Senhor, na voz do profeta, desdenha dos dízimos, das ofertas, dos sacrifícios, devido à condição do coração humano. Você acha que os dízimos não estão inclusos neste trecho bíblico, ou nesse descontentamento de Deus? Lembre-se que não era porque esses atos em si estavam errados, mas porque eram realizados sem a verdadeira devoção a Deus e sem uma vida justa. Deus estava mais interessado na justiça social e na retidão do que nos rituais externos. Os israelitas estavam cumprindo os rituais, mas ao mesmo tempo praticavam a injustiça e a idolatria. Entenda:

- Holocaustos e Ofertas de Cereal: Estes eram sacrifícios específicos oferecidos no altar. Os holocaustos eram ofertas queimadas completamente, enquanto as ofertas de cereal eram feitas de grãos, muitas vezes acompanhadas de óleo e incenso. Esses rituais tinham um significado profundo na adoração israelita.
- Ofertas Pacíficas: Também conhecidas como ofertas de comunhão, essas envolviam o sacrifício de animais, parte dos quais era consumida pelos ofertantes em um ato de comunhão com Deus. Vejam semelhantemente ao dízimo (em alguns casos), parte era consumida pelos ofertantes, em comunhão com Deus.
- Dízimos: Embora o dízimo não seja mencionado explicitamente neste texto, é correto incluir a prática do dízimo dentro do contexto geral das ofertas rejeitadas por Deus, já que o dízimo era uma parte regular da vida religiosa israelita, destinada a sustentar os levitas, o templo e a assistência aos necessitados.

Sem dúvida, muitos dizimistas entregam suas contribuições nas congregações sob ameaças, constrangimentos e até por puro medo, e ainda assim consideram que cumpriram o seu dever. Quando encontram um necessitado, alguém pedindo um prato de comida ou algumas moedas, uma alma sofrida, não o ajudam, pois acreditam já ter feito a sua parte ao deixar o dízimo na falsa "casa do tesouro". Frequentemente, recusam-se a socorrer alguém, alegando que a pessoa usará o dinheiro para comprar bebidas alcoólicas, drogas ou alimentar outros vícios. E, como se isso não bastasse, ainda tentam controlar a vida de quem recebe ajuda. Dizem ao necessitado para comprar apenas comida, como se, ao comer, o ser humano estivesse livre de qualquer outro pecado, como a gula, por exemplo. Querem determinar em que o necessitado deve gastar o dinheiro que recebeu, um dinheiro que, uma vez doado, já não lhes pertence mais, num ato de desrespeito ultrajante, disfarçado por uma falsa aura de piedade. Proclamam querer doar, mas, ao mesmo tempo, desejam comandar e direcionar a vida do outro, decidindo onde e como ele deve empregar o recurso, retirando-lhe a dignidade e o controle sobre a própria vida. Com isso, contradizem o exemplo do bom samaritano e tudo o que Jesus Cristo ensinou, especialmente sobre a caridade, ou melhor, sobre o verdadeiro amor. Afinal, quem foi o próximo do bom samaritano, na referida parábola? Foram os que deixaram o necessitado à beira do caminho, sem nada fazer? Os que causaram e agravaram sua dor e humilhação? Ou o homem necessitado, ferido e humilhado, que apenas precisava de ajuda?

Vivemos hoje uma profunda inversão de valores, em quase todas as áreas da vida humana.

Muitos acreditam que os propósitos divinos existem apenas para proporcionar uma vida confortável aqui na Terra, buscando prosperidade e sucesso material, enquanto negligenciam a verdadeira riqueza: os valores espirituais, invisíveis, mas eternos. Para aqueles que O buscam sinceramente,

Deus concede tudo o que é necessário, por meio de uma vida cristã íntegra, conforme declarou o apóstolo Paulo em Filipenses 4:11-13. Assim vive quem é salvo. Esses são os verdadeiros homens de Deus. O Senhor dá aos seus, chegando, por vezes, a tirar do ímpio para abençoar o justo. Quão lamentável é ver pessoas que procuram a Deus apenas para viver em abundância, focadas unicamente nas coisas deste mundo, esquecendo-se da eternidade.

“Se esperamos em Cristo só nesta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens.” (1 Coríntios 15:19)

Quando indivíduos emitem cheques sem fundo para cumprir sua “obrigação” com o dízimo, como temos visto repetidas vezes, o que deveria causar verdadeiro espanto não é o ato em si, mas a postura da congregação, que se mostra chocada com o irmão, sem perceber que ele só agiu assim por se sentir ameaçado, intimidado e constrangido. Os próprios pastores, muitas vezes, impõem um fardo pesado sobre “suas” ovelhas, seus irmãos, “seus fiéis”. O problema central está naquilo que a congregação ensina e exige, sem, contudo, isentar o erro do irmão ao emitir o cheque sem fundos. A situação se torna ainda mais grave quando as pessoas dizimam amedrontadas por causa da interpretação deturpada e tendenciosa de Malaquias 3:6-12, texto frequentemente usado como ferramenta de cobrança dos dízimos. Essa passagem, como já explicado, é uma reafirmação da Lei de Moisés (a lei cerimonial), especialmente na parte que menciona o “devorador”. A questão não está na poderosa e verdadeira Palavra de Deus, mas em quem a prega. Muitos interpretam as Escrituras de forma seletiva e interesseira, incutindo medo nas pessoas, que, aterrorizadas, dizimam sob pressão e, sem perceber, acabam tentando a Deus em uma situação que não se aplica. Quando Jesus foi tentado, o diabo também citou a Palavra de Deus, que conhece muito bem, mas a utilizou de forma distorcida e tendenciosa, exatamente como fazem certos homens, conforme mencionei acima. Naquela ocasião, Jesus nos deixou uma lição inquestionável:

> *"Jesus lhe disse: Também está escrito: Não tentarás o Senhor teu Deus." (Mateus 4:7).*

Jesus Cristo advertiu para que não tentássemos o nosso Deus. Então, como podemos, vivendo sob a Graça, na Nova Aliança, depois que tudo se fez novo, segundo as Escrituras, colocar Deus à prova justamente no dinheiro, algo terreno e perigoso? Isso é, no mínimo, contrário à Bíblia! Por que as congregações não mencionam claramente o dízimo de Jacó? Porque contradiz o que pregam! Veja em Gênesis 28:20-22 e, também, no capítulo 9 desta obra, que trata especificamente desse tema. Antes, porém, analisemos alguns pontos que demonstram como a prática contemporânea do dízimo, quando mal interpretada ou aplicada de forma incorreta, pode se tornar uma verdadeira pedra de tropeço, impedindo tanto o crescimento espiritual individual quanto a efetividade da Igreja como corpo de Cristo na sociedade, conforme já mencionado anteriormente.

• Desvio do Propósito Original: No contexto bíblico, o dízimo era destinado ao sustento dos levitas, que não possuíam herança na terra e ao cuidado dos necessitados, como viúvas, órfãos e estrangeiros. Hoje, porém, muitas vezes o dízimo é utilizado para manter grandes estruturas e custear salários de líderes religiosos, desviando-se do propósito original de assistência aos necessitados.

• Teologia da Prosperidade: Essa doutrina ensina que dar o dízimo garante bênçãos materiais em troca, o que distorce a verdadeira motivação da oferta. Em vez de ser um ato de adoração e gratidão a Deus, o dízimo se transforma em uma tentativa de barganhar com Ele por prosperidade financeira.

• Medo e Culpa: Frequentemente, líderes religiosos usam passagens das Escrituras, como Malaquias 3:10, para incutir medo e culpa nos fiéis, fazendo-os acreditar que, se não dizimarem, estarão roubando a Deus e

serão punidos. Isso gera uma experiência religiosa baseada no medo, e não em um relacionamento amoroso e sincero com o Senhor.

• Pressão Financeira: Para muitas pessoas, especialmente as de recursos limitados, a pressão para dizimar pode causar sérios problemas financeiros. Isso pode resultar em dívidas e dificuldades para suprir as necessidades básicas, criando um ciclo de estresse e ansiedade.

• Foco Materialista: A ênfase excessiva nas finanças pode levar a congregação a se concentrar mais nos recursos materiais do que no crescimento espiritual e no discipulado. Com o tempo, a igreja passa a ser vista como uma instituição financeira, e não como uma comunidade de fé.

• Divisões e Discórdias: A cobrança e a gestão do dízimo frequentemente geram divisões dentro da igreja. Desentendimentos sobre o uso dos recursos e a falta de transparência na administração podem criar desconfiança e conflitos entre os irmãos.

• Desigualdade e Injustiça: A prática do dízimo pode acentuar desigualdades dentro da congregação. Os que têm maiores rendimentos podem sentir-se mais valorizados ou influentes, enquanto os de renda menor acabam marginalizados ou tratados como menos importantes.

• Hipocrisia e Legalismo: A insistência na prática do dízimo pode conduzir ao legalismo, onde o cumprimento da regra se torna mais importante do que o espírito de generosidade e amor ao próximo. Isso alimenta uma cultura de aparência e hipocrisia, na qual o exterior é valorizado e a transformação interior é negligenciada.

• Obstáculo ao Evangelho: Para quem está fora da igreja, a ênfase constante no dinheiro e na coleta de dízimos soa contraditória à mensagem do evangelho de graça e amor incondicional. Isso pode afastar aqueles que buscam um relacionamento genuíno com Deus, mas veem a igreja como uma instituição mais interessada em dinheiro do que em almas.

• Desvio da Missão Principal: A atenção exagerada às finanças pode desviar a igreja de sua verdadeira missão: fazer discípulos e servir a comunidade. Assim, ela se torna mais preocupada com sua própria sobrevivência e crescimento material do que com o mandato de espalhar o evangelho e ajudar os necessitados.

Capítulo 8

O Dízimo de Abraão à Melquisedeque

Quando Abrão, movido pela fé, deu o dízimo a Melquisedeque, rei de Salém (Cidade da Paz) e sacerdote do Deus Altíssimo, ele ainda se chamava Abrão e oferecia bens que eram despojos das batalhas travadas contra os reis.

> *"Então Melquisedeque, rei de Salém, trouxe pão e vinho. Ele era sacerdote do Deus Altíssimo, e abençoou Abrão, dizendo: 'Bendito seja Abrão pelo Deus Altíssimo, Criador dos céus e da terra. E bendito seja o Deus Altíssimo, que entregou seus inimigos em suas mãos.' E Abrão lhe deu o dízimo de tudo." (Gênesis 14:18-20).*

Esses bens haviam sido saqueados de outras nações por aqueles reis. Abrão, em sua integridade, não reteve os despojos da guerra de Sodoma; devolveu tudo, mantendo apenas o seu povo, para que ninguém pudesse alegar que ele havia enriquecido à custa deles. É importante lembrar que Abrão saiu de Ur dos Caldeus, uma região de tradições pagãs, onde o dízimo era oferecido aos deuses locais. No entanto, Abrão adorava ao Deus Altíssimo, o mesmo Deus de Melquisedeque. Diferentemente do que muitos acreditam, Abrão não era judeu, pois a nação de Israel ainda não havia sido formada. Ele não pertencia à tribo de Judá, que surgiria muito tempo depois. Judá, de onde viriam os judeus, era um dos doze filhos de

Jacó e Jacó era neto de Abrão. Por isso, Gênesis 14:20 não pode ser usado como exemplo para justificar o dízimo cristão, pelas seguintes razões:

A Bíblia jamais afirmou explicitamente que Abrão deu de bom grado o dízimo a Melquisedeque, embora o contexto sugira que tenha sido um ato voluntário. Além disso, esse dízimo não era um dízimo sagrado segundo a lei cerimonial de Moisés, pois essa lei ainda não havia sido dada. O dízimo de Abrão foi tirado dos despojos da guerra, e não de produtos cultivados na Terra Santa por um povo devoto, como mais tarde seria prescrito na lei cerimonial. Abrão ofertou esse dízimo a Melquisedeque uma única vez. Afinal, ele era um nômade, sempre mudando de lugar. O dízimo de Abrão não veio de seus ganhos pessoais nem de sua própria riqueza. Ele não ficou com nada para si mesmo, devolveu tudo. Esse dízimo de Abrão não é citado em nenhum outro lugar da Bíblia para justificar a prática do dizimar. Portanto, não serve como base para a cobrança do dízimo atual, que se apoia em uma lei cerimonial que já foi plenamente cumprida por Jesus Cristo.

Vamos examinar Gênesis 14:21. Se Abrão deu 10% dos despojos a Deus, então isso implica que ele entregou os 90% restantes ao rei de Sodoma, um líder de uma cidade condenada por sua iniquidade. Se usarmos esse exemplo para justificar o dízimo cristão, estaríamos sugerindo que é aceitável dar a maior parte dos ganhos ao que simboliza o mal, enquanto apenas uma pequena parte seria destinada a Deus. Isso equivaleria a dizer que entregar 90% dos espólios ao rei de Sodoma, cuja cidade, junto com Gomorra, seria destruída por Deus devido aos seus pecados, é algo aceitável. Essa interpretação, evidentemente, não faz sentido teologicamente.

O dízimo como obrigação passou a existir apenas no período levítico. Aqueles que usam Abrão como exemplo de um fiel dizimista não compreenderam corretamente as Escrituras. Como vimos, Abrão dizimou do excedente, especificamente dos despojos que seu exército havia conquistado na guerra.

> *Muitos desses bens recuperados pertenciam ao seu sobrinho Ló, e a maior parte dos despojos era dos reis de Sodoma e Gomorra. Abrão se recusou a ficar com qualquer coisa para si, afirmando: "Juro pelo Senhor, o Deus Altíssimo, Criador dos céus e da terra, que não aceitarei nada do que lhe pertence, nem um fio, nem a correia de uma sandália, para que você jamais venha a dizer: 'Eu tornei Abrão rico'."*
>
> (Gênesis 14:22-23)

A lei cerimonial levítica estabelecia o dízimo em forma de produtos da terra e de gado. Não havia qualquer obrigatoriedade de dizimar despojos de guerra. Podemos observar que a riqueza de Abrão não sofreu alteração após o conflito. Assim, ao contrário dos dízimos atuais, obtidos a partir de salários e outros rendimentos, o dízimo de Abrão foi algo completamente diferente. É curioso e importante destacar que, entre os despojos de guerra, estavam incluídas pessoas e escravos capturados do exército inimigo. Portanto, se considerarmos os despojos como origem do dízimo, usados por muitos para justificar o dízimo contemporâneo, então deveríamos também "dizimar" os prisioneiros e tudo o que pertencesse à nação derrotada? Deveríamos dizimar pessoas? De certo modo, em guerras modernas, os vencidos acabam se tornando economicamente escravos e muitos, até fisicamente, vivendo em sua própria terra devastada.

Como vimos, Jesus nunca recebeu dízimos. Se Melquisedeque simboliza Cristo, por que não há registro de pessoas dando dízimos a Jesus? Se Jesus é da ordem de Melquisedeque, o exemplo do dízimo de Abrão deveria se aplicar a Ele também. Então, como é possível que líderes religiosos de hoje exijam dízimos de seus fiéis, colocando-se como sucessores dos levitas ou de Melquisedeque, se o nosso Sumo Sacerdote, Jesus Cristo de Nazaré, que poderia ter esse direito, jamais agiu assim?

> *Abrão também tinha outras práticas específicas do seu tempo, como cortar animais ao meio ao firmar uma aliança com Deus (Gênesis 15:9-10). Por que, então, os líderes religiosos atuais escolhem seguir o exemplo de Abrão apenas quanto ao dízimo, mas ignoram essas outras práticas que igualmente faziam parte de seu relacionamento com o Senhor? Isso é seletividade.*

Seguindo essa mesma linha de raciocínio, se os exemplos de Abrão devem ser seguidos à risca, por que não somos polígamos ou escravagistas? Por que não entregamos todos os nossos bens ao primogênito e apenas uma pequena parte aos outros filhos? Por que não abandonamos os demais em uma região desértica, ou em algum lugar distante, longe do primogênito? A razão é simples: essas eram práticas específicas de Abraão para aquela época, personalizadas de acordo com seu contexto e suas circunstâncias.

A conclusão óbvia é que o dízimo ofertado por Abrão foi singular, proveniente dos espólios de uma guerra. Curiosamente, cerca de seiscentos e trinta e quatro anos depois, o Senhor fez com que os hebreus encontrassem favor aos olhos dos egípcios quando saíram do Egito, conforme relata Êxodo 3:21. Assim, os egípcios voluntariamente concederam aos hebreus uma grande riqueza como forma de recompensa pelos anos de escravidão. E, nesse contexto, houve algum dízimo? Não. Quando o Tabernáculo foi construído, segundo Êxodo 35:5, o povo deu de coração o que era necessário, em obediência a Deus. Isso nos deixa um poderoso exemplo de desprendimento, generosidade e gratidão.

Os que veem em Abrão um exemplo de dizimista fiel deveriam explicar a oferta de um dízimo a Melquisedeque, sacerdote do Deus Altíssimo. Pode-se afirmar, no entanto, que ambos acreditavam e serviam ao mesmo Deus. Abrão não desconhecia o princípio de dar dízimos; tabletes cuneiformes confirmam que essa prática era comum entre os povos da Mesopotâmia.

Caldeus e babilônios, por exemplo, sustentavam seus templos e deuses por meio de dízimos. Portanto, concluímos que Abrão não deve ser utilizado como exemplo de dizimista para os tempos atuais. A Bíblia não o apresenta como um dizimista sistemático ou regular. As práticas de dízimo de Abrão não se assemelham às exigências modernas impostas por pastores e líderes cristãos. Abrão deu o dízimo de riquezas que não eram suas, bens que ele devolveu, em grande parte (90%), aos seus verdadeiros proprietários. Ele seguia um costume de sua época, uma prática comum entre os povos da Antiguidade, sem relação direta com o dízimo cobrado atualmente nas igrejas.

Abrão entregou seu dízimo a Melquisedeque, que era rei de Salém e sacerdote do Deus Altíssimo. Embora a identidade e o significado de Melquisedeque não sejam completamente claros, ele é apresentado como uma figura singular e misteriosa, vista como uma representação de Cristo. Foi ele quem abençoou Abrão. O ato de Abrão ao dar o dízimo a Melquisedeque foi, sem dúvida, abençoado por Deus, mas isso não deve ser distorcido para sustentar uma teologia moderna que explora os crentes sinceros. A tipologia de Melquisedeque aponta para o sacerdócio eterno de Jesus Cristo, e não para a justificação de práticas de dízimo modernas, que frequentemente se afastam do verdadeiro espírito de generosidade e adoração.

Pessoas humildes são frequentemente induzidas a entregar dez por cento de seus rendimentos a líderes religiosos que em nada se assemelham aos levitas, e muito menos a Melquisedeque, o sacerdote do Deus Altíssimo. Esses líderes, muitas vezes, não exemplificam a justiça, a misericórdia e a fé que Jesus, nosso Sumo Sacerdote, ensinou. Toda aquela cena era uma profunda tipologia. Melquisedeque surgia como símbolo de Jesus, o Sumo Sacerdote eterno, prefigurando o Messias vindouro. Abrão retornava a Salém, a Cidade da Paz, trazendo consigo os cativos libertos, imagem que simboliza a libertação das almas outrora aprisionadas pelas forças opressoras. O pão e o

vinho nas mãos de Melquisedeque selavam essa poderosa representação de salvação, liberdade e paz.

O dízimo que Abrão ofereceu era uma manifestação de adoração ao Deus que liberta. Era uma celebração ao grandioso Deus que concede todas as vitórias, ao Ser Supremo que, por meio de Cristo Jesus, nos trouxe a verdadeira liberdade. Esta é a saga de um Deus que valoriza a justiça e a generosidade genuína, sem imposições, coerções, ameaças, maldições ou superstições. Ele não precisa do nosso dinheiro, nem de templos construídos por mãos humanas, pois nós, os crentes, somos Seus templos vivos. Ao contrário do que muitas vezes é pregado em igrejas que frequentemente se desviam dos ensinamentos de Cristo, Deus nos chama a usar nossos recursos para ajudar os pobres e necessitados de hoje, os desempregados, os sem-teto, os imigrantes, os refugiados e as crianças sem apoio familiar. Esses grupos são os análogos modernos dos órfãos, das viúvas e dos estrangeiros mencionados na Bíblia. A verdadeira oferta e o verdadeiro dízimo são atos de amor e compaixão, destinados a cuidar daqueles que estão em necessidade, refletindo o coração de Deus para com a humanidade.

> *"Depois destas coisas veio a palavra do Senhor a Abraão numa visão, dizendo: Não temas, Abraão, Eu sou teu escudo; o teu galardão será muito grande."*
>
> (Gênesis 15:1)

PARTE III

A Liberdade em Cristo

Capítulo 9

O Dízimo de Jacó

Nosso estudo já declara de antemão que é totalmente impróprio e inconcebível que os defensores da obrigatoriedade da cobrança do dízimo entre os cristãos procurem justificar essa prática com base no compromisso do dízimo de Jacó. Vamos investigar o trecho bíblico:

> *““E chegou a um lugar onde passou a noite, porque já o sol era posto; e tomou uma das pedras daquele lugar, e a pôs por seu travesseiro, e deitou-se naquele lugar. E sonhou: e eis uma escada posta na terra, cujo topo tocava nos céus; e eis que os anjos de Deus subiam e desciam por ela; E eis que o Senhor estava em cima dela, e disse: Eu sou o Senhor Deus de Abraão teu pai, e o Deus de Isaque; esta terra, em que estás deitado, darei a ti e à tua descendência; E a tua descendência será como o pó da terra, e estender-se-á ao ocidente, e ao oriente, e ao norte, e ao sul, e em ti e na tua descendência serão benditas todas as famílias da terra; E eis que estou contigo, e te guardarei por onde quer que fores, e te farei tornar a esta terra; porque não te deixarei, até que haja cumprido o que te tenho falado.””*
>
> (Gênesis 28:11-15)

Inicialmente, podemos perceber que Deus, sem considerar quaisquer ações que Jacó pudesse realizar, prometeu-lhe a posse da terra onde

então repousava, tanto para ele quanto para sua descendência. Declarou que a prole de Jacó seria extremamente numerosa e que, por meio dela, todas as famílias da terra seriam abençoadas. Deus, de forma incondicional, assegurou que estaria ao seu lado, que o protegeria por onde quer que fosse e que o reconduziria àquela terra. Fez todas essas promessas e se comprometeu a cumpri-las, renovando, assim, a aliança que já havia estabelecido com Abraão, promessa cujo conhecimento Jacó certamente possuía. Observe o que acontece na continuação:

> *"E Jacó fez um voto, dizendo: Se Deus for comigo, e me guardar nesta viagem que faço, e me der pão para comer, e vestes para vestir; E eu em paz tornar à casa de meu pai, o Senhor me será por Deus; E esta pedra que tenho posto por coluna será casa de Deus; e de tudo quanto me deres, certamente te darei o dízimo."*
>
> (Gênesis 28:20-22)

Vamos examinar cuidadosamente: embora Deus já tivesse firmado Sua promessa de maneira incondicional, Jacó parece ter acrescentado condições que apenas reiteravam as mesmas bênçãos já garantidas por Deus em sonhos. Como gesto de gratidão, ou talvez de confirmação das promessas recebidas, Jacó decidiu ofertar o dízimo de tudo o que Deus lhe provesse. Entretanto, hoje essa atitude se mostra inadequada, não apenas porque vivemos sob o manto da graça, mas também porque sugere uma possível desconfiança de Jacó em relação ao Senhor. Ele parece ter estabelecido condições para que Deus cumprisse o que já havia prometido, numa inversão de papéis entre mestre e servo. Não há mais lugar para sacrifícios, ofertas rituais ou dízimos que imponham condições para que Deus cumpra Suas promessas, como se nós fôssemos os mestres e Ele, o servo.

> *"Alguns podem argumentar que Jacó buscava uma confirmação das promessas por meio desse ato, o que poderia ser aceitável naquela época, mas hoje é considerado inadequado. Parece que os homens se colocam no lugar de Deus para receber ofertas, dízimos e, em resumo, o dinheiro dos fiéis. Deus não pediu nada a Jacó, pois já havia solicitado a Abraão, como prova de fé, o sacrifício de seu primogênito, Isaque, prefiguração do sacrifício de Jesus Cristo, que era, nada menos, o próprio pai de Jacó, a quem o Senhor havia renovado a promessa feita a Abraão (Gênesis 26:3). Seria possível que Deus, após a promessa feita a Abraão, impusesse uma condição para conceder o que já havia prometido ao avô de Jacó e à sua descendência?"*

Além disso, a lei cerimonial, incluindo o dízimo e o sacerdócio levítico, ainda não havia sido estabelecida, o que só ocorreria cerca de quinhentos anos depois. O dízimo prescrito na lei cerimonial, que chegou ao fim com o sacrifício de Jesus, deveria ser entregue apenas em um local específico: o templo em Jerusalém, que naquela época ainda não existia. Refletindo mais profundamente, é possível que o dízimo de Jacó tenha sido oferecido por meio do consumo dos próprios bens, em um ato de comunhão com o Senhor. Naquele tempo, o dízimo poderia ser constituído por rebanhos e produtos agrícolas, como era comum na história de Israel. Talvez entre eles não houvesse viúvas, órfãos ou estrangeiros e, mesmo que existissem, essas situações se enquadrariam na lei cerimonial do dízimo, que ainda não havia sido instituída e que, posteriormente, se tornaria obsoleta com o sacrifício de Jesus na cruz.

Imaginemos o seguinte cenário: durante o momento do dízimo, o líder da igreja convoca os fiéis a trazerem suas "contribuições". Porém, em vez de depositarem dinheiro na caixa de ofertas, ele os surpreende ao instruí-los a utilizar esses recursos para ajudar os necessitados. O que sobrar deveria ser destinado à compra de alimentos para uma refeição comunitária, em

comunhão com o Senhor. Embora essa prática possa ter sido comum em tempos antigos, hoje parece quase inimaginável. Isso revela uma certa avareza e apego ao dinheiro, não por parte dos seguidores, mas dos próprios líderes religiosos. Eles parecem preferir o controle financeiro, privando seus fiéis do papel de mordomos e benfeitores, que é um direito e também uma bênção concedida a todos nós.

Alguns argumentam que foi a partir deste momento, com o voto do dízimo de Jacó, que o dízimo foi estabelecido e, mais tarde, incorporado à lei cerimonial. Mas será que essa é a interpretação correta do texto? Acredito que não! Se Abrão deu um décimo dos despojos de guerra a Melquisedeque, o sumo sacerdote de Salém, por que Jacó não seguiu o exemplo de seu avô e também deu o dízimo? Passou a fazê-lo apenas depois daquele sonho da escada que levava ao céu, impondo condições a uma promessa incondicional recebida de Deus? E quanto a Isaque? Por que não há registros dele dizimando?

A resposta para todas essas questões é que os dízimos de Abrão e Jacó foram casos específicos e não podem, de forma alguma, ser utilizados para justificar a obrigação do pagamento do dízimo, especialmente para os cristãos de todas as épocas. Isso é absolutamente inadmissível e constitui um verdadeiro escândalo. Creio que todas as denominações cristãs têm uma grande dívida para com seus membros, fiéis que foram levados a crer na obrigatoriedade do dízimo como se ainda vigorasse a prática do Velho Testamento e mesmo antes disso, como vimos.

As intenções dos líderes religiosos em questões materiais, sobretudo o amor ao dinheiro, que é a raiz de todos os males (1 Timóteo 6:10), são tão evidentes quanto a luz do sol. Creio que essas considerações ajudam a esclarecer a questão, ainda que não a esgotem por completo.

Capítulo 10

Malaquias – Os Sacerdotes Roubavam à Deus

"Hoje, um dos principais desafios enfrentados pelos cristãos é a interpretação isolada das passagens bíblicas, prática frequentemente utilizada, de forma intencional, por líderes inescrupulosos que buscam atender aos próprios interesses. Infelizmente, muitos não seguem o exemplo dos bereanos (Atos 17:10–15), descritos nas Escrituras. Eram judeus que moravam em Bereia, na Macedônia, e examinavam cuidadosamente os ensinamentos de Paulo e Silas à luz das Escrituras, o Velho Testamento, a Torá. O texto bíblico não esclarece se eram religiosos ou leigos, mas certamente havia entre eles algum sacerdote, fariseu ou mestre da Lei. Paulo aprovou esse comportamento, e esse registro foi preservado nas Escrituras para nossa instrução. Muitos, talvez por comodidade, delegam a interpretação da Palavra de Deus a outros, supostos líderes que, com bela retórica, oferecem interpretações tendenciosas e, com frequência, manipulam o povo de Deus movidos por intenções erradas."

O livro de Malaquias é dirigido quase inteiramente aos sacerdotes, conforme se evidencia logo em Malaquias 2:1, que declara:

"Agora, ó sacerdotes, este mandamento é para vós."

Não há dúvida de que as mensagens têm como alvo os sacerdotes, descendentes de Levi. Malaquias 3:3 mostra claramente quem passará pelo processo de purificação e refinamento: os filhos de Levi, isto é, os sacerdotes. Tudo o que Deus denuncia no versículo 5 é praticado pelos sacerdotes. Já no versículo 6, Deus se refere a todo o povo de Israel, inclusive aos sacerdotes, como descendentes de Jacó, que, assim como seu patriarca, eram caracterizados pela astúcia e pela infidelidade. No versículo 7, a quem Deus apela para que retornem a Ele? Da mesma forma, a todos, incluindo os sacerdotes. No entanto, eles retrucam: "Em que havemos de retornar?" Não reconheciam que haviam se afastado de Deus, mas acreditavam que Deus é que havia se afastado deles. Alegavam que era inútil servir ao Senhor e guardar os Seus preceitos, sustentando que os perversos prosperavam, escapavam impunes e eram até mais abençoados.

O versículo 8, amplamente conhecido, apresenta uma pergunta marcante. Considere, agora, o seguinte texto:

> *"Roubará o homem a Deus? Todavia vós me roubais, e dizeis: Em que te roubamos? Nos dízimos e nas ofertas. Com maldição sois amaldiçoados, porque a mim me roubais, sim, toda esta nação. Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na minha casa, e depois fazei prova de mim nisto, diz o Senhor dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu, e não derramar sobre vós uma bênção tal até que não haja lugar suficiente para a recolherdes. E por causa de vós repreenderei o devorador, e ele não destruirá os frutos da vossa terra; e a vossa vide no campo não será estéril, diz o Senhor dos Exércitos."*
>
> (Malaquias 3:8-11)

Quem, então, estava roubando a Deus? Todo o povo, inclusive os sacerdotes, mas, ao contrário do que ensinam muitas denominações, não eram os fiéis os

principais culpados, e sim os próprios líderes religiosos da época. Os sacerdotes, que representavam o povo diante de Deus, recebiam os dízimos do povo, mas os retinham para si, desviando o propósito sagrado e, assim, roubando o próprio Senhor. No versículo 9, Deus declara que eles são amaldiçoados por esse roubo. Entretanto, hoje, alguns líderes afirmam que a entrega do dízimo quebra a maldição. Deus não culparia o povo por algo que não cometeu. Mas qual maldição? A mesma que pesava sobre aqueles sacerdotes infiéis, a maldição que recai sobre os que continuam a roubar a Deus e ao Seu povo, disfarçando ganância de piedade. O versículo 10 fala sobre trazer todos os dízimos à casa do tesouro, conforme já explicado anteriormente. Esse é um trecho bíblico que muitos líderes religiosos conhecem de cor, pois está diretamente ligado aos seus interesses financeiros. No entanto, se a verdade fosse plenamente revelada aos fiéis, essa passagem se tornaria paradoxalmente condenatória para os próprios líderes. Eles provavelmente evitariam citá-la durante as ministrações de dízimos e coletas para depósito nos gazofilácios de suas “igrejas”. A situação é lamentável! Por quê? Porque eram os próprios sacerdotes que desviavam os dízimos de Deus, subtraindo os alimentos das reservas nos tesouros. Essa prática de roubo persiste até os dias atuais e se torna ainda mais grave, pois esses líderes se colocam no lugar dos antigos sacerdotes levíticos para arrecadar falsos dízimos monetários, ignorando completamente a Graça de Cristo, que nos estabeleceu como sacerdotes do novo pacto, e nos chamou à liberdade, não à servidão financeira.

Os sacerdotes levíticos roubavam da casa do tesouro, dos armazéns que continham produtos agrícolas e gado, e ainda ofereciam a Deus sacrifícios imperfeitos e impuros. A situação tornou-se tão grave que o próprio Deus os desafiou, dizendo que oferecessem essas dádivas aos seus governantes terrenos e verificassem se seriam aceitas (Malaquias 1:8). Como os líderes tribais estavam envolvidos e coniventes com tais práticas, todo o povo

acabava roubando a Deus, pois esses sacerdotes e chefes eram seus representantes diante do Senhor. O pecado do sacerdócio contaminava o altar e, por consequência, toda a nação sofria. Avançando no texto, observamos que a maldição resultava em secas devastadoras, que arrasavam as plantações. Então, o Senhor promete abrir as janelas do céu, trazendo chuvas e abundância na colheita. Promete também repreender o devorador, que não se refere a demônios, como alguns líderes pregam hoje, mas sim a gafanhotos e pragas que destruíam as lavouras com a permissão de Deus. Se os sacerdotes estavam roubando, é evidente que o povo estava pagando o dízimo, caso contrário, não haveria o que desviar. Mas, afinal, para que serviam esses dízimos que os sacerdotes corrompidos desviavam? Eles não eram destinados diretamente a Deus, mas ao sustento dos pobres, órfãos, viúvas e estrangeiros. Deus sempre demonstrou preocupação com os necessitados, algo que muitos líderes religiosos de hoje ignoram. Atualmente, grande parte dos recursos das “igrejas” é usada para a construção de templos luxuosos, aquisição de sistemas de som profissionais, compra de terrenos para estacionamento, construção de quadras esportivas ou instalação de aparelhos de ar-condicionado para maior conforto nas reuniões e, em muitos casos, até para vantagens pessoais. Tais práticas transformam o que deveria ser um ministério de amor e serviço em algo que se assemelha mais a um clube social do que à Igreja de Cristo.

Portanto, podemos concluir que o texto de Malaquias, de maneira alguma, endossa a cobrança de um dízimo neotestamentário, pois pertence claramente ao Antigo Testamento. Pelo contrário, ele condena os líderes religiosos, pois são eles, de fato, que roubam a Deus ao forçar seus membros, suas “ovelhas”, a pagarem falsos dízimos por meio de opressão, manipulação emocional e ameaças baseadas em interpretações distorcidas e de má-fé das Escrituras. Eles deveriam se envergonhar, se arrepender e, antes de tudo, pedir perdão a Deus. Além disso, não deveriam se esquivar de pedir perdão

publicamente a todos aqueles a quem mentiram e enganaram. Não existe legislação terrena capaz de julgar esse tipo de usurpação, mas, diante do tribunal divino, trata-se claramente de apropriação indébita espiritual e de outras transgressões, sujeitas ao escrutínio da justiça celestial. Pode-se ocultar más ações dos homens, mas nada se esconde de Deus. Um dia, tudo virá à luz! Se a má gestão de fundos públicos na política deve ser severamente condenada, imagine roubar a Deus, o que equivale a roubar o Seu povo, Seus filhos, e ainda usar o Seu nome para isso! Será que alegar que estavam cobrando dízimos, que, como vimos, são ilegais diante da Palavra de Deus, justificando que faziam a "obra do Senhor", será suficiente para absolvê-los? É bom lembrar: Deus é amor, mas também é justiça!

> *"Não fará justiça o Juiz de toda a terra?" (Gênesis 18:25).*

Quantas pessoas foram prejudicadas pelo falso entendimento incutido em suas mentes? Roubo é roubo, independentemente da intenção ou da suposta boa causa. Na verdade, é ainda mais grave quando se comete esse pecado em nome de Deus, usando a fé como disfarce para a ganância.

Diante de tudo isso, fica evidente que a mensagem de Malaquias não foi dirigida à Igreja, mas aos sacerdotes corruptos de Israel, que desviavam os dízimos e profanavam o templo. O texto, longe de justificar a cobrança de dízimos no período da graça, é, na verdade, uma denúncia divina contra a infidelidade daqueles que deveriam zelar pelo povo e pelo altar. Assim, o livro de Malaquias revela o contraste entre o antigo sacerdócio, marcado pela cobiça e pela corrupção, e o novo sacerdócio inaugurado por Cristo, puro, perfeito e eterno. Nele, não há mais lugar para intermediações humanas, nem para tributos obrigatórios, pois fomos feitos sacerdotes do Deus Altíssimo, reconciliados pela cruz. O que Deus deseja agora não é o dízimo do bolso, mas o dízimo do coração, um espírito generoso, justo e cheio de amor, que oferta

não por obrigação, mas por gratidão. Como, então, alguém em sã consciência pode imaginar, ou exigir, a substituição do que é puro, perfeito e eterno por aquilo que é impuro, corrupto, imperfeito e mortal?

Capítulo 11

O Fim da Lei Cerimonial e o Advento da Graça

"Com a vinda de Cristo, cumpriu-se plenamente o propósito da Lei. Tudo aquilo que era sombra, os sacrifícios, os rituais, os sacerdócios, as festas e os dízimos, encontrou seu significado e seu fim em Jesus, o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (João 1:29). Ele é o cumprimento da Lei (Mateus 5:17), e não há mais necessidade de qualquer mediação humana entre Deus e os homens, pois "há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem" (1 Timóteo 2:5). A Lei cerimonial, com suas minúcias e regulamentos, foi dada a Israel como um guia até a chegada do Messias. Paulo explica claramente: "A Lei foi o nosso aio, para nos conduzir a Cristo, a fim de que pela fé fôssemos justificados" (Gálatas 3:24). Uma vez chegado Cristo, esse aio deixou de ser necessário. Assim, a antiga aliança foi substituída por uma nova, superior e eterna (Hebreus 8:6-13). O sacerdócio levítico, que era transitório e imperfeito, foi abolido e substituído por um sacerdócio perfeito e eterno, segundo a ordem de Melquisedeque (Hebreus 7:11-17). Diferente dos sacerdotes levitas, que ofereciam repetidos sacrifícios por seus próprios pecados e pelos do povo, Cristo ofereceu um único sacrifício perfeito, de uma vez por todas, e assentou-se à direita de Deus (Hebreus 10:11-14). Isso encerrou o sistema de sacrifícios e toda a estrutura cerimonial associada, incluindo o dízimo obrigatório, que estava intrinsecamente ligado à

manutenção do templo e dos sacerdotes. Com a morte e ressurreição de Cristo, o véu do templo foi rasgado de alto a baixo (Mateus 27:51), simbolizando o fim da separação entre Deus e o homem. A presença divina já não está confinada a um templo físico, mas habita em cada coração regenerado. "Não sabeis vós que sois o templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?" (1 Coríntios 3:16). A adoração genuína agora é em espírito e em verdade (João 4:23-24). Não se trata de um local, um ritual ou uma obrigação, mas de uma relação íntima e espiritual com o Criador. Por isso, os sacrifícios de hoje não são de animais ou bens materiais, mas de louvor, justiça e amor. "Ofereçamos sempre a Deus, por meio de Jesus Cristo, sacrifício de louvor, isto é, o fruto dos lábios que confessam o seu nome" (Hebreus 13:15). A generosidade, no tempo da graça, não é uma imposição legal, mas uma expressão do amor de Cristo em nós. Paulo ensina: "Cada um contribua segundo propôs no coração, não com tristeza nem por constrangimento, porque Deus ama a quem dá com alegria" (2 Coríntios 9:7). O princípio mudou completamente: antes se dava para ser abençoado; agora, damos porque já fomos abençoados. O sistema de dízimos, portanto, não apenas perdeu sua validade legal, mas também seu propósito espiritual. Ele pertencia a uma antiga aliança que foi cumprida e superada pela cruz. Cristo é o fim da Lei para justiça de todo aquele que crê (Romanos 10:4). A partir de então, o Reino de Deus é sustentado por corações transformados, não por tributos compulsórios. Em Cristo, fomos libertos da escravidão da Lei e introduzidos na liberdade do Espírito. Aqueles que ainda insistem em restaurar práticas da antiga aliança, como o dízimo obrigatório, inadvertidamente negam a suficiência do sacrifício de Cristo e voltam a edificar o que Ele já destruiu (Gálatas 2:18-21). O verdadeiro culto agora é espiritual, voluntário, e nasce da gratidão por tudo o que Cristo já fez por nós."

Ao avaliar os 15 pontos seguintes, podemos traçar um quadro claro e detalhado sobre a questão do dízimo à luz da história e das Escrituras. Aqui está uma síntese abrangente e fluente desses pontos:

• Dízimo de Abraão

O dízimo oferecido por Abraão a Melquisedeque foi um evento singular, não proveniente de sua renda ou propriedade, mas dos espólios de guerra. Abraão não reteve os 90% restantes dos espólios, e não houve aumento em seu patrimônio. Vindo de uma cultura pagã, Abraão estava familiarizado com a prática do dízimo. Melquisedeque, um sacerdote rei de Salém, simbolizava o Senhor Jesus Cristo. Apesar de sua identidade ser obscura, provavelmente era dos jebuseus. A oferta de Abraão representava uma mensagem messiânica para Israel. No entanto, esse episódio não estabelece um precedente para a prática moderna do dízimo, como tem sido erroneamente afirmado.

• O voto de Jacó

> *Como podemos entender o voto de dízimo de Jacó (Gênesis 28:20–22), onde ele estabeleceu condições para que Deus cumprisse, usando a palavra "se", antes de decidir dizimar? Contrariando certas interpretações que enfatizam a importância das primícias, Jacó primeiro solicitou bênçãos antes de fazer seu voto de dízimo. Portanto, o voto de dízimo de Jacó não pode ser usado como justificativa para o dízimo praticado atualmente.*

• Nômades e o dízimo

Abraão e Jacó não eram dizimistas regulares, pois eram nômades, e só havia um local designado para entregar o dízimo: o templo de Jerusalém, na casa do tesouro, onde produtos agrícolas e gado eram armazenados, algo

semelhante ao que chamamos hoje de silo.

• Contexto de Malaquias

Examine minuciosamente os três primeiros capítulos de Malaquias e notará que todo o contexto está profundamente enraizado na lei cerimonial, tratando da insatisfação de Deus com os sacerdotes, que estavam desviando os dízimos destinados a Ele.

• Lei cerimonial e dízimo

O dízimo está estritamente ligado à lei cerimonial, a qual foi abolida na cruz. Essa lei não tem mais validade para nós que vivemos sob o novo pacto, pois os mandamentos cerimoniais eram para os judeus do Antigo Testamento, antes do sacrifício e ressurreição de Cristo. O dízimo é um tema do Antigo Testamento e não há instrução bíblica para o povo de Deus pagar dízimos após a ressurreição de Cristo. Portanto, o contexto de Malaquias não se aplica a nós, pois estava inserido na lei cerimonial, que já não está mais em vigor.

• Interpretação de Malaquias

O trecho de Malaquias 3:8–12 é pregado pelos líderes religiosos sob a luz de duas interpretações simultâneas, literal e contextualizada. Desse modo, cria-se o efeito desejado para justificar a cobrança atual do dízimo, satisfazendo os interesses constantes dos homens: dinheiro e poder.

• O devorador

O “devorador” mencionado em Malaquias 3:11 era uma referência aos gafanhotos famintos que causavam devastação nas plantações. Isso porque os dízimos eram pagos pelos judeus que estavam envolvidos na agricultura e na criação de animais.

• Produtos agrícolas

O dízimo, uma prática da lei cerimonial, consistia exclusivamente em produtos agrícolas e animais, nunca em dinheiro. Uma parte desse dízimo

poderia ser trocada por prata, caso o local designado para sua entrega estivesse muito distante. Com essa prata, poderia-se comprar bois, ovelhas, vinho, ou qualquer outra coisa desejada para consumo pessoal e familiar na presença do Senhor, o Deus de Israel.

• Outras ocupações

Outras ocupações, como pedreiros, carpinteiros, ourives, entre outras, não estavam sujeitas ao pagamento de dízimo. Por que essa informação não é compartilhada pelas congregações? Será que isso se deve ao fato de que, nas cidades, esses profissionais não estavam envolvidos em atividades agrícolas ou criação de animais, o que os isentava do pagamento do dízimo?

10) Destino específico

O dízimo tinha um destino específico: o templo em Jerusalém, onde ficava a casa do tesouro, hoje já não existente. Sua entrega deveria ocorrer exclusivamente lá, e não em qualquer outro lugar. Apesar de alguns considerarem a igreja como equivalente ao templo e a tesouraria como a casa do tesouro, tal prática não está em conformidade com as exigências bíblicas. Equiparar essas instituições seria comparável a pagar impostos federais a uma entidade que não seja a Receita Federal, o que é ilegal e incorreto. Se o dízimo não fosse entregue no templo em Jerusalém, não poderia ser considerado dízimo, pois não atenderia aos requisitos necessários para essa prática religiosa.

11) Destino do dízimo

> *"O dízimo era destinado aos sacerdotes, descendentes de Arão, que não possuíam herança ou renda, dedicando-se inteiramente ao serviço de Deus. Além disso, parte do dízimo era destinada a apoiar viúvas, órfãos e estrangeiros da época, os necessitados e desamparados. Contudo, essa prática não é comum nos dias de hoje, pois os líderes religiosos não são descendentes de Arão e não seguem a mesma estrutura*

sacerdotal. A valorização de hierarquias e títulos eclesiásticos pelos líderes contrasta com a visão de Jesus, que priorizava as funções e habilidades em detrimento das posições de autoridade. Jesus Cristo disse que Ele era Mestre e que os demais eram irmãos (Mateus 23:8–12). Muitas congregações limitam a manifestação dos dons do Espírito Santo apenas àqueles com títulos e cargos, ignorando as capacidades de todos os crentes para pregar a palavra de Deus. Essa é uma questão de parcialidade que merece ser discutida com maior profundidade."

12) Concílio de Jerusalém

> *No primeiro concílio da Igreja, em Jerusalém, os apóstolos reuniram-se para estabelecer as obrigações dos crentes gentios. A única orientação encontrada na carta apostólica desse evento é a seguinte: "Abstendo-vos das coisas sacrificadas aos ídolos, do sangue, das carnes sufocadas e da fornicação" (Atos 15:29). Não há menção ao pagamento de dízimos, e seria improvável que houvesse, considerando que tal prática estava associada à lei cerimonial levítica, que já estava prescrita.*

13) A Lei e Cristo

A antiga lei funcionava como um tutor, um aio, guiando até a chegada de Jesus Cristo e as boas novas do Evangelho, marcando o início de um novo tempo, uma nova dispensação. Com Jesus, essa antiga lei se tornou obsoleta e foi aperfeiçoada, agora escrita em nossos corações pelo Espírito de Deus. Como podemos, então, adotar práticas que os judaizantes tentavam introduzir na Igreja de Cristo, contrariando os ensinamentos de Paulo, que os considerou como anátemas? Ele declarou que quem faz isso é inimigo de Deus. Instituir o pagamento de dízimos, como era feito na antiga lei

(Malaquias 3:6–12), é trazer maldição para a congregação e para os fiéis. Isso representa a infiltração de ensinamentos judaizantes na Igreja de Jesus Cristo, algo já condenado pelo apóstolo Paulo há quase dois mil anos.

14) Dízimo e superstição

O dízimo, tal como é cobrado hoje, muitas vezes é interpretado como uma transação que envolve o sacrifício de Cristo, o que é profundamente problemático. Além disso, sua prática é frequentemente impregnada de superstição, uma crença infundada que busca evitar consequências negativas por meio de ações ritualísticas. A verdadeira graça nos liberta de tais práticas. Somos o resultado do amor de Deus, que soberanamente aboliu a antiga lei cerimonial na cruz, estabelecendo assim nossa liberdade em Cristo Jesus.

15) Doutrina da prosperidade

> *"A confusão entre os crentes sobre o dízimo e a Doutrina da Prosperidade é notória. Muitos acreditam que dar o dízimo garante prosperidade, quando na verdade isso pode comprometer suas vidas espirituais. Barganhar com Deus, esperando receber em dobro, é um erro teológico com graves consequências. Basta olhar para a vida do apóstolo Paulo: ele viveu em privações e sofrimentos, longe dos confortos materiais que muitos buscam. A busca incessante por prosperidade contrasta com o verdadeiro chamado de servir a Deus, que é sacrificial e baseado no amor ao próximo. A Doutrina da Prosperidade, embora popular, contradiz os ensinamentos de Jesus Cristo, nosso Mestre e Rei. "Busquem, pois, em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas lhes serão acrescentadas.""*
>
> (Mateus 6:33)

Em resumo, este versículo chama os seguidores de Jesus a colocarem Deus e seus propósitos em primeiro lugar, confiando que Ele cuidará de todas as suas necessidades materiais e diárias. Reflita profundamente sobre essas

questões.

Capítulo 12

A Nova Economia do Reino, Generosidade e Justiça sob a Graça

"A nova aliança em Cristo inaugura uma verdadeira revolução espiritual, uma mudança de paradigma em relação ao dar e ao servir. No Reino de Deus, não há espaço para barganhas, coerções ou cobranças disfarçadas de fé. A generosidade passa a ser um reflexo direto do amor e da gratidão, e não uma obrigação legal ou religiosa. Jesus não estabeleceu uma porcentagem fixa para as ofertas, mas um princípio: dar conforme o coração, com sinceridade, alegria e amor. O foco deixou de ser o quanto damos, e passou a ser por que e como damos. A viúva que ofertou duas pequenas moedas foi elogiada por Jesus não pela quantia, mas pela entrega total do coração (Marcos 12:41–44). Sob a Graça, o ato de contribuir assume um caráter espiritual e relacional. Paulo ensina que "aquele que semeia pouco, pouco também colherá; e o que semeia com fartura, com fartura também colherá" (2 Coríntios 9:6). Essa colheita, no entanto, não se limita a recompensas materiais, mas envolve crescimento espiritual, comunhão e a propagação do Reino. Os primeiros cristãos compreenderam esse princípio com clareza. Em Atos 2:44-45, lemos que "todos os que criam estavam juntos e tinham tudo em comum; vendiam suas propriedades e bens, e distribuíam a cada um conforme a sua necessidade". Não havia compulsão, mas amor. Não havia imposição, mas comunhão. Essa era a economia divina da Graça, a

partilha voluntária e justa, onde ninguém passava necessidade e todos contribuíam conforme suas possibilidades. Ao contrário do sistema religioso atual, em que muitos líderes se enriquecem à custa da fé de seus fiéis, o modelo de Jesus é completamente inverso. O verdadeiro servo de Deus é aquele que lava os pés dos outros, que serve e se doa. O apóstolo Paulo reafirma essa verdade ao dizer: "Em tudo vos dei o exemplo de que, trabalhando assim, é necessário socorrer os enfermos e recordar as palavras do Senhor Jesus, que disse: Mais bem-aventurada coisa é dar do que receber" (Atos 20:35). A justiça divina no Reino é equitativa: quem tem mais, dá mais; quem tem menos, dá o que pode, sem culpa ou pressão. O que importa é a sinceridade do coração. A contribuição sob a Graça é um ato de fé e amor, não um imposto religioso. Quando doamos com alegria, sem esperar retorno, manifestamos o próprio caráter de Deus, pois Ele mesmo é o maior doador de todos, o que "amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito" (João 3:16). Na economia da Graça, o foco não está em acumular recursos para instituições, mas em manifestar o amor de Deus por meio da justiça social, da compaixão e da solidariedade. A Igreja primitiva crescia não por sua riqueza material, mas pela abundância de fé e partilha. Esse é o modelo que Cristo nos deixou: um corpo unido, em que cada membro contribui livremente para o bem comum, sem hierarquias financeiras nem privilégios terrenos. Assim, o verdadeiro cristão não dá para ser abençoado, ele dá porque já é abençoado. Não busca reconhecimento, mas a alegria de participar da obra divina no mundo. A generosidade sob a Graça é libertadora, porque vem de um coração grato, não de um espírito coagido."

Capítulo 13

O Ser e o Ter, a Economia do Reino de Deus

"Desde os primórdios, o homem se debate entre dois caminhos: o do ter e o do ser. O primeiro é o caminho do mundo, o da posse, da acumulação, da conquista e do status. O segundo é o caminho do Reino, o do caráter, da essência, da justiça e do amor. O mundo valoriza o que se tem; Deus valoriza o que se é. Essa distinção simples revela o abismo que separa os sistemas humanos da economia divina. O capitalismo/democracia, ainda que baseado na liberdade e no mérito, frequentemente alimenta a vaidade e o egoísmo. O "eu" se torna o centro das atenções: eu conquisto, eu possuo, eu mereço. A prosperidade é exaltada como virtude, e o sucesso material é confundido com bênção espiritual. Esquece-se que Jesus advertiu: "A vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui" (Lucas 12:15). Assim, a abundância sem compaixão transforma-se em idolatria, e o ídolo é o próprio homem. O comunismo/socialismo, por sua vez, tenta corrigir o egoísmo humano por meio da força. Mas, ao negar a liberdade individual, também sufoca a alma. Cria-se uma igualdade sem dignidade, uma sociedade onde todos são iguais na pobreza e no medo. O ideal de justiça é distorcido pela tirania. É a imposição da fraternidade sem amor, da partilha sem fé. Um corpo sem espírito. Cristo, porém, veio inaugurar um novo caminho, o da Economia do Reino de Deus. Um modelo divino,

não político. Nele, a riqueza não é condenada, mas redimida; o trabalho não é explorado, mas consagrado; e a partilha não é imposta, mas inspirada. É o Reino onde a abundância vem acompanhada da compaixão, e a igualdade floresce junto com a liberdade. Nesse Reino, não há meritocracia, mas graça; não há coerção, mas amor; não há escassez, porque quem ama reparte, e quem reparte nunca fica sem. É a economia do "ser" sobre o "ter", onde cada um contribui conforme o coração, e ninguém passa necessidade. Os apóstolos viveram isso de forma prática. Ninguém lhes obrigava a vender propriedades ou a dividir o que tinham, mas o amor os movia a fazê-lo. "E não havia entre eles necessitado algum" (Atos 4:34). Essa não era uma utopia socialista nem uma estratégia econômica, mas a expressão viva do Espírito Santo entre os homens. Era o céu tocando a terra, a justiça divina se manifestando através de corações transformados. O verdadeiro Reino de Deus não precisa de leis humanas para funcionar, porque suas leis estão gravadas nos corações. Ele não se sustenta em sistemas, mas em pessoas regeneradas. Sua base é o amor que serve, o perdão que liberta, a generosidade que não calcula. Quando o ter governa o homem, nasce a ganância, a desigualdade e a corrupção. Quando o ser reina no coração, nasce a compaixão, a comunhão e a justiça. O mundo busca acumular; o Reino busca compartilhar. O mundo ergue muros; o Reino constrói pontes. O mundo divide em classes; o Reino une em fraternidade. A Economia do Reino é a única capaz de curar as feridas do mundo moderno, feridas causadas pela cobiça, pela indiferença e pelo medo. Ela não depende de moedas nem de governos, mas de corações convertidos. É a única sociedade onde a liberdade não oprime, e a igualdade não escraviza. Onde a abundância não gera vaidade, mas gratidão. O Reino de Deus é o oposto da lógica humana: O maior é o que serve; o rico é o que reparte; o vencedor é o que se doa; o livre é o que ama."

Essa é a verdadeira revolução que Cristo iniciou, uma transformação interior que muda o modo de viver, de pensar e de relacionar-se. Uma revolução silenciosa, sem armas, mas com poder para derrubar impérios, porque começa dentro do coração humano.

Somente quando os homens compreenderem que a plenitude não está em possuir, mas em amar, o mundo poderá refletir um pouco do Reino. O “ser” voltará a ocupar o lugar do “ter”, e a Terra se tornará mais parecida com o céu.

Capítulo 14

A Liberdade da Graça: O Novo Caminho da Igreja

Vivemos tempos em que o cristianismo precisa voltar a ser o que sempre foi: um caminho, e não um sistema. O Evangelho de Cristo não foi estabelecido para criar estruturas de controle, mas para libertar os corações oprimidos. A Lei foi dada para revelar o pecado, mas a graça foi manifestada para revelar o amor. O apóstolo Paulo declarou:

> *"Para a liberdade foi que Cristo nos libertou. Permanecei, pois, firmes e não vos submetais novamente a um jugo de escravidão."*
>
> (Gálatas 5:1)

A liberdade que o Evangelho oferece não é licença para o erro, mas capacitação para o amor.

O Espírito Santo não nos guia pela imposição da culpa, mas pela inspiração da verdade.

A vida cristã não é uma obrigação religiosa, é uma resposta de gratidão.

A Graça que Transforma

A graça não apenas perdoa; ela transforma. Ela não apenas cobre o pecado, mas cura o coração. A graça não é uma doutrina, é uma pessoa: Jesus Cristo. Enquanto a Lei dizia “faça e viverás”, a graça declara: “viva e farás”. Sob a graça, o dar não é um dever, é um prazer. O servir não é um fardo, é uma expressão de amor. O ofertar não é um imposto espiritual, é um ato voluntário de adoração. Assim como a chuva cai livremente, a graça opera em quem se abre para recebê-la. Ela ensina, corrige, inspira e renova — sem coerção, sem manipulação, sem medo.

O Novo Caminho da Igreja

A verdadeira Igreja de Cristo não é uma instituição, é um corpo vivo. Cada membro é sacerdote, cada dom é serviço, cada vida é altar. O templo não é feito de pedras, mas de corações regenerados. É tempo de uma reforma silenciosa, conduzida pelo Espírito — não contra a Igreja, mas dentro dela. Uma Igreja que devolve o protagonismo ao Evangelho, que substitui o marketing pela missão, o palco pelo serviço, e o dízimo compulsório pela generosidade movida pelo amor. A Igreja que Cristo sonhou é livre, fraterna, transparente e comprometida com a verdade. Uma Igreja que não cobra o Reino, mas compartilha o Reino.

Chamados à Liberdade Responsável

A liberdade espiritual não é o fim da obediência, mas o início da verdadeira submissão: submissão à vontade de Deus, guiada pelo amor, não pelo medo. O cristão maduro entende que a graça é mais exigente do que a Lei, porque ela exige o coração inteiro. Ela nos chama não a cumprir regras, mas a manifestar Cristo no mundo.

“Tudo me é permitido”, dizia Paulo, “mas nem tudo convém.” (1 Coríntios 6:12)

A verdadeira liberdade está em escolher o bem mesmo quando o mal é permitido.

É fazer o certo não por obrigação, mas por amor.

Conclusão: O Evangelho Livre

Ser livre em Cristo é compreender que nada mais é necessário além d'Ele. Nem templos luxuosos, nem dogmas impostos, nem rituais que prometem bênçãos. Cristo é suficiente. A cruz já foi erguida, o véu já foi rasgado, e o caminho já está aberto. O que o Pai busca agora não são dízimos, mas adoradores em espírito e em verdade. O Reino de Deus não é construído com arrecadações, mas com corações restaurados. O cristianismo não é uma religião de exigências, é uma revelação de amor. E quem ama, dá. Quem ama, serve. Quem ama, transforma o mundo, começando por si mesmo.

Versículo de Encerramento

> *"E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará."*
>
> (João 8:32)

Epílogo

A Liberdade do Evangelho

A verdadeira Lei da Semeadura está enraizada no íntimo do ser humano e aborda questões espirituais e ações humanas, não finanças. Deus, em Sua infinita sabedoria, supre as necessidades de Seus filhos, compreendendo-as profundamente. Embora a Bíblia forneça muitos ensinamentos sobre o dízimo, acredito que aqueles familiarizados com ela e guiados pelo Espírito Santo possuem discernimento para distinguir a verdade das inverdades que permeiam as autodenominadas Igrejas de Cristo.

Surge então uma questão crucial: essas instituições representam verdadeiramente a noiva de Cristo, dado que contrariam as Escrituras em questões fundamentais? Por que continuam presas ao engano e à ilusão? Será pelo poder sedutor do dinheiro, pelo medo de falta de recursos para seus templos, ou pela fé vacilante que prefere confiar no dízimo para garantir sua segurança financeira?

Refletir profundamente sobre essas questões é essencial, pois a verdade traz clareza para uma espiritualidade genuína, alinhada aos ensinamentos bíblicos. O discernimento, a busca pela verdade e a conexão com o divino são fundamentais para uma fé viva e autêntica. Se o dízimo pertencia à antiga lei mosaica, alheia ao cristianismo, como afirmaram os apóstolos no primeiro concílio cristão, o que dizer então da velha aliança e da antiga lei?

Hoje vivemos sob o cristianismo, a Lei da Graça, sob a Nova Aliança, centrada nos dois grandes mandamentos que resumem toda a lei e os profetas, conforme registrado em Mateus 22:37-40:

“E Jesus disse-lhe: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento. Este é o primeiro e grande mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas.”

Embora a lei mosaica tenha sido boa e inspirada por Deus, ela trazia consigo uma maldição devido à impossibilidade do homem em cumpri-la integralmente. Essa lei agora está obsoleta, prescrita e não é aplicável aos cristãos, pois pertencia ao judaísmo e constava na Torá, escrita por Moisés e inspirada por Deus. Jesus Cristo veio para inaugurar algo completamente novo: a Nova Aliança, as Boas Novas do Evangelho.

Para entender melhor, podemos pensar nisso como uma nova forma de viver, em oposição à religiosidade da época, livre em Cristo Jesus, portadores da Vida Eterna. Jesus Cristo introduziu um novo paradigma, uma nova maneira de existir, livre de religiosidade, culpa e pecado, vivendo na liberdade e na graça. Ele nos transforma em novas criaturas pelo batismo espiritual, pertencendo a uma nova ordem de sacerdotes: a ordem de Melquisedeque, da qual Ele mesmo é o Sumo Sacerdote.

Por isso, Ele proclamou:

> *“Venham a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu darei descanso a vocês. Tomem sobre vocês o meu jugo e aprendam de mim, pois sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão descanso para as suas almas. Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve.” (Mateus 11:28-30).*

Jesus Cristo não nos impôs uma carga de regras, rituais ou cerimônias. Essas imposições são inventadas pelos homens, que acabam por distanciar a criação de seu Criador, criando barreiras que tornam Deus inacessível às pessoas. Eles assumem o lugar de Deus ou se apresentam como Seus únicos representantes, deturpando a imagem do nosso santo Deus, o Altíssimo, Sempiterno. Essas atitudes acabam por tornar aqueles que seguem essas imposições duas vezes mais distantes de Deus do que eles mesmos. Certamente, estas pessoas responderão diante de Deus por todas essas vidas perdidas.

“Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo.” (2 Coríntios 5:17)

Agora, renascidos em Cristo Jesus, somos chamados de Filhos de Deus pela fé. Não mais estamos sujeitos à maldição da lei; pelo contrário, somos abençoados pela graça do Senhor, transbordando dela e do Espírito Santo de Deus. Estamos saturados com o genuíno amor divino, conhecido apenas por aqueles que são de Deus, e repletos da sabedoria que provém Dele. Somos portadores das Boas Novas e da promessa da vida eterna, pois a morte foi vencida por Cristo na cruz.

Assim como morremos com Ele, também ressuscitamos com Ele. Se compartilhamos de Sua ressurreição e Ele possui um corpo glorificado, então nós, como novas criaturas, também teremos um corpo semelhante ao dEle quando estivermos com Ele. Depois de todas essas considerações e das boas notícias que foram compartilhadas aqui, discutir sobre o dízimo parece ser uma tolice. Isso evidencia claramente que a prática atual do dízimo é uma criação humana, motivada por interesses mundanos de poder e dinheiro, alheia aos verdadeiros princípios da fé.

Portanto, torna-se evidente que não há qualquer obrigação para os cristãos de pagarem o dízimo, nem mesmo para os judeus que aceitaram Jesus Cristo como seu Messias. A forma como o dízimo é pregado e exigido

nas congregações contemporâneas é uma armadilha enganosa do inimigo, destinada a promover interesses monetários, baseada em mentiras e em ordenanças e dispensações ultrapassadas. Para reforçar essa conclusão, permito-me citar as palavras de Jesus em Mateus 23:15, que denunciam os fariseus. Essas palavras penetram profundamente na nossa alma, revelando o amor de Cristo e Sua preocupação com a salvação de todos. Portanto, como discípulos de Cristo, é nosso dever buscar sempre a verdade, livres das amarras de tradições ultrapassadas, para vivermos uma fé autêntica e fiel aos ensinamentos de nosso Senhor.

> *"Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! pois que percorreis o mar e a terra para fazer um prosélito; e, depois de o terdes feito, o fazeis filho do inferno duas vezes mais do que vós." (Mateus 23:15). "Serpentes, raça de víboras! como escapareis da condenação do inferno?"*
>
> (Mateus 23:33)

Assim, aqueles que acabam de entrar no Reino, acolhendo Cristo Jesus com pureza de coração e colocando-O em primeiro lugar em suas vidas, muitas vezes são influenciados por ensinamentos de congregações que, de maneira astuta, disseminam doutrinas falsas, um evangelho distorcido e uma imagem distante da verdadeira essência de Jesus Cristo. Infelizmente, inúmeros indivíduos, ainda presos às armadilhas do mundo, afirmam que os fiéis sofrem uma lavagem cerebral ao ingressar nessas igrejas, e, em muitos casos, essa afirmação procede. Essas práticas deturpadas são construídas sobre técnicas emocionais e psicológicas que exploram a fragilidade das pessoas, substituindo o verdadeiro ensinamento de Cristo e a palavra pura de Deus.

Certamente, Deus julgará tais ações, e aqueles que cometeram esses pecados podem ouvir diretamente de Jesus Cristo palavras de reprovação, como as seguintes:

> *“Nem todo aquele que me diz: ‘Senhor, Senhor’ entrará no Reino dos céus, mas apenas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus. Muitos me dirão naquele dia: ‘Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? Em teu nome não expulsamos demônios e não realizamos muitos milagres?’ Então eu lhes direi claramente: ‘Nunca os conheci. Afastem-se de mim vocês, que praticam o mal!’”*
>
> (Mateus 7:21-23)

É evidente que a verdadeira religião consiste em cuidar dos pobres, dos necessitados e do próximo, em vez de sustentar templos luxuosos, repletos de falsos mestres e práticas enganosas. A autêntica igreja de Cristo é formada por todos os que depositam Nele sua fé, sendo santuários vivos do Altíssimo e moradas do Espírito Santo, oferecendo-se como sacrifícios vivos ao Deus Vivo!

> *Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se não fosse assim, eu lhes teria dito. Vou preparar-lhes lugar. E, quando eu for e preparar lugar, voltarei e os receberei para mim mesmo, para que onde eu estiver, vocês também estejam.*
>
> (João 14:2-3)

Esta é a nossa esperança e a nossa fé, o fundamento que sustenta nossa jornada na verdade de Cristo, iluminando o caminho que nos leva à salvação.

Transforme o Mundo

Com o Amor de Cristo

Começo com uma constatação feita por Jesus Cristo, que se mostra uma mensagem poderosa e verdadeira, que nos liberta da religiosidade e que objetiva libertar as almas escravizadas por um sistema cruel, que manipula, engana, cerceia, ameaça, domina, explora e acima de tudo, nos afasta de Deus.

> *"Ai de vocês, mestres da lei e fariseus, hipócritas! Porque vocês percorrem terra e mar para fazer um convertido e, quando conseguem, vocês o tornam duas vezes mais filho do inferno do que vocês."*
>
> (Mateus 23:15)

Não pensem que isto aconteceu somente com os fariseus na época do Nosso Senhor Jesus Cristo. Muito pelo contrário, isto acontece nos dias atuais. São falsos pastores, falsos evangelhos e um falso Jesus. Como visto anteriormente o apóstolo Paulo já nos advertia destas coisas. Mas também disse que seriam anátemas, ou seja, amaldiçoados quem fizesse tais coisas.

Caros leitores e ou irmãos em Cristo Jesus, os apóstolos perguntaram ao nosso Senhor Jesus Cristo de Nazaré algo que muitos de nós ainda se questionam até os dias atuais:

> *"Disseram-lhe, pois: Que faremos para executarmos as obras de Deus?"*
>
> (João 6:28)

Nosso amado Jesus, respondeu maravilhosamente, com sua sabedoria divina. Abra o seu entendimento para receber esta maravilhosa mensagem, medite, reflita, analise cada palavra:

> *""Jesus respondeu, e disse-lhes: A obra de Deus é esta: Que creiais naquele que Ele enviou. Disseram-lhe, pois: Que sinal, pois, fazes tu, para que o vejamos, e creiamos em ti? Que operas tu? Nossos pais comeram o maná no deserto, como está escrito: Deu-lhes a comer o pão do céu. Disse-lhes, pois, Jesus: Na verdade, na verdade vos digo: Moisés não vos deu o pão do céu; mas meu Pai vos dá o verdadeiro pão do céu. Porque o pão de Deus é aquele que desce do céu e dá vida ao mundo. Disseram-lhe, pois: Senhor, dá-nos sempre desse pão. E Jesus lhes disse: Eu sou o pão da vida; aquele que vem a mim não terá fome, e quem crê em mim nunca terá sede. Mas já vos disse que também vós me vistes, e contudo não credes. Todo o que o Pai me dá virá a mim; e o que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora. Porque eu desci do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou. E a vontade do Pai que me enviou é esta: Que nenhum de todos aqueles que me deu se perca, mas que o ressuscite no último dia. Porquanto a vontade daquele que me enviou é esta: Que todo aquele que vê o Filho, e crê nele, tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia.""*
>
> (João 6:29-40)

Que resposta! É simplesmente maravilhoso! Esse trecho bíblico acima, juntamente com este outro abaixo, diz muito a respeito da nossa fé:

"E um deles, doutor da lei, interrogou-o para o experimentar, dizendo: Mestre, qual é o grande mandamento na lei? E Jesus disse-lhe: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento. Este é o primeiro e grande mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas."

> *"O Deus que fez o mundo e tudo que nele há, sendo Senhor do céu e da terra, não habita em templos feitos por mãos de homens; Nem tampouco é servido por mãos de homens, como que necessitando de alguma coisa; pois ele mesmo é quem dá a todos a vida, e a respiração, e todas as coisas;"*
>
> (Atos 17:24)

Depois dessas respostas maravilhosas, a questão do dízimo se torna menor diante da grandiosidade das maravilhas de Deus. Jesus Cristo não nos mandou construir templos; Ele nos mandou proclamar as Boas Novas do Evangelho em qualquer lugar. Isso pode ser feito em uma sala de reuniões, nas ruas, nas casas, nas prisões, ou em qualquer lugar onde congregamos em Seu nome. Jesus não falou em ministrar em templos construídos por mãos humanas porque sabia que muitos pensariam que Deus estaria presente somente dentro desses templos. Os verdadeiros templos vivos são os cristãos, aqueles que creem nAquele que o Pai enviou. Jesus até instruiu Seus discípulos a comerem o que lhes fosse oferecido quando chegassem às casas para proclamar o Evangelho. Isso nos mostra a simplicidade da pregação do evangelho em qualquer lugar.

> *"O dever de todo cristão é proclamar as Boas Novas de Jesus Cristo, pois somos sacerdotes do Senhor! Se todos pregassem o evangelho em todos os lugares e não apenas nos templos, talvez a plenitude dos*

gentios já tivesse ocorrido. Infelizmente, muitos passam anos dentro dos templos pregando para quem já está pronto para pregar. Isso é um desperdício de tempo e pode retardar a volta de Jesus Cristo. Quando ensinamos, aprendemos mais. Precisamos tomar posse do nosso sacerdócio, cada um em sua família, vizinhança ou onde Deus nos enviar. Isso pode ser feito presencialmente, pela Internet (redes sociais, bate-papos, blogs, vlogs, podcasts), por meio de livros, revistas, jornais ou qualquer outro tipo de mídia. Além disso, Jesus enfatizou que onde dois ou três estiverem reunidos em Seu nome, Ele estará presente (Mateus 18:20). Isso reforça a ideia de que a presença de Deus não está limitada a um edifício físico, mas estará onde Seus seguidores estiverem reunidos. Portanto, a verdadeira missão do cristão é ser luz no mundo, levando a mensagem de Cristo para fora dos muros dos templos. Ao viver de maneira autêntica e compartilhando o Evangelho em nosso cotidiano, refletimos o amor de Deus e cumprimos o chamado de ser discípulos de Jesus. Sejamos livres, porque, se o Filho nos libertou, somos verdadeiramente livres!"

Faço uma chamada para um engajamento mundial absolutamente necessário: vocês, nós todos, somos a Igreja do Nosso Senhor Jesus Cristo de Nazaré! Saiam de dentro das igrejas denominacionais, vão aos lugares físicos, desde suas casas e seus vizinhos, até os lugares virtuais, pregando as Boas Novas do Evangelho de Cristo como sacerdotes da Nova Aliança, da ordem do sacerdócio de Melquisedeque, do qual Jesus Cristo é o sumo sacerdote. Tome posse do seu sacerdócio e livre-se de todas as amarras. Não há ninguém perfeito! Oratórias perfeitas não importam! Você está pronto! Deus escolhe as pessoas como elas são, cada um do seu jeito! O que importa é proclamar a Palavra de Deus! Estude a palavra de Deus para se aperfeiçoar! O importante é proclamar o Evangelho para abreviar a volta do Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo de Nazaré. Todos os que recebem Jesus Cristo de Nazaré como

seu Senhor e Salvador e entregam suas vidas a Ele, de coração, são novas criaturas, renascidos da água e do Espírito, filhos de Deus, coerdeiros em Cristo Jesus, mortos com Ele naquela cruz, mas que serão ressuscitados e terão seus corpos glorificados semelhantemente ao corpo ressurreto de Jesus Cristo, que VIVE! Nosso Deus VIVE! E lembrem-se sempre: Nosso Deus, (YHWH), Sempiterno, Deus Altíssimo, é o único digno de toda honra, toda glória, todo o louvor e toda a adoração! Adorai ao Senhor toda a criação! Jesus Cristo de Nazaré, Filho de Deus, é o único mediador entre o homem e Deus! Não se engane!

Não podemos aceitar as amarras de um sistema que nos escraviza. Vamos em frente, pois, no final da jornada, nosso verdadeiro lar estará à nossa espera e, mais importante, como na parábola do filho pródigo, nosso Pai estará de braços abertos nos esperando para a festa. Será uma celebração e alegria jamais vista em nenhum tempo! Maranata, vem Senhor Jesus Cristo!

Manifesto do Evangelho Livre

Não vendemos bênçãos.

Não negociamos a fé.

Não chamamos de sagrado aquilo que é estrutura humana.

Não aceitamos que o nome de Deus seja moeda.

Fomos chamados à liberdade e escolhemos viver livres.

Sem dízimos obrigatórios.

Sem ameaças espirituais.

Sem medo disfarçado de doutrina.

Rejeitamos a religião que explora, manipula e prende.

Escolhemos o caminho estreito, o evangelho puro, a verdade que queima.

Não seguimos homens, seguimos o Cordeiro.

Não dependemos de campanhas, dependemos do Espírito.

Não contribuímos por obrigação, mas por amor.

Somos a Igreja, não o prédio, mas o povo.

Somos o templo, não de pedra, mas de carne.

Somos sacerdotes, não por título, mas por nascimento espiritual.

O altar agora é o coração.

O culto é a vida.

A oferta é o amor.

A recompensa... é Cristo.

Este é o evangelho que liberta.

Este é o evangelho que rompe.

Este é o evangelho que permanece.

E por ele... vivemos.

E, se preciso for... morremos.

Porque fomos salvos por graça.

E a graça não tem preço.

“Àquele que nos libertou, toda glória, honra e louvor.”

Agradecimentos Finais

Antes de qualquer palavra, meu agradecimento eterno vai para o Deus Vivo, o Grande Eu Sou, Aquele que é, que era e que há de vir. Ele é minha fonte, meu sustento, meu respiro e minha esperança. Se algo bom nasceu destas páginas, é porque Ele foi minha capacitação do início ao fim. Agradeço ao Senhor Jesus Cristo, que me encontrou, me perdoou, me libertou, e tem me conduzido em verdade e amor, mesmo nos meus dias mais duros. Seu Espírito é meu conselheiro, minha inspiração e meu consolo.

Aos meus pais, Orlando e Edi Aguiar, já na glória do Senhor, que, apesar de todas as dificuldades da vida e suas imperfeições, me ensinaram o bom caminho com todo o cuidado e dedicação. Foram e ainda são heróis, com seus feitos, válidos para a eternidade. À minha esposa, Maria Teresa, que com sua vida, suas orações, seu amor constante e seu testemunho, me aproximou ainda mais do Senhor. Sua presença tem sido um presente de Deus em minha caminhada.

Aos meus filhos, reflexo da bondade de Deus na minha história. Suas vidas, seus questionamentos, sua fé, tudo isso me ensina, me confronta e me impulsiona. Aos meus netos, que herdarão o mundo que estamos construindo. Oro para que encontrem um evangelho mais puro, mais livre e mais cheio de graça do que aquele que muitos de nós recebemos. Que este livro seja também, para eles, um marco de fé autêntica.

A toda a minha família, próxima e distante, viva ou já na glória, meu reconhecimento sincero. Cada um deixou sua marca em mim, em cada gesto, cada erro, cada perdão, cada conversa. Tudo foi parte do processo que me trouxe até aqui.

Agradeço também a todos que leram este livro com o coração aberto. Que decidiram questionar o sistema, voltar às Escrituras, ouvir o Espírito e buscar mais a Cristo do que as tradições.

Por fim, agradeço à dor, que me despertou; à dúvida, que me levou a estudar; à verdade, que me fez romper; à liberdade, tão importante quanto a vida, que me deu coragem para seguir; e à graça, sempre a graça, que me sustentou quando tudo parecia ruir. Sabemos muito bem, de onde Jesus nos resgatou.

Este livro não é o fim. É um recomeço!

Com todo o meu amor e reverência,

A. C. Aguiar

Referências Bíblicas

Este livro foi cuidadosamente fundamentado nas Escrituras, a única autoridade final para a fé e a prática cristã. A seguir, listamos as principais passagens bíblicas citadas ao longo da obra, bem como sugestões de leitura complementar para quem deseja aprofundar a jornada de cura, libertação e liberdade espiritual.

Referências Bíblicas

- Gênesis 14:20 – O dízimo de Abraão a Melquisedeque
- Números 18:21-28 – A função dos levitas e os dízimos
- Deuteronômio 14:22-29 – Os três tipos de dízimos
- Malaquias 3:8-11 – O uso (e abuso) do texto nos dias atuais
- Mateus 11:28-30 – O jugo suave de Cristo
- Mateus 21:12-13 – Jesus purificando o templo
- João 6:29 – A verdadeira obra de Deus
- Atos 2:44-45 e 4:32-35 – A generosidade da igreja primitiva
- 1 Coríntios 16:1-2 – Ofertas organizadas e voluntárias
- 2 Coríntios 9:6-8 – Dar com alegria
- Gálatas 5:1 – A liberdade em Cristo
- Hebreus 7 e 10 – O novo sacerdócio e o acesso ao Pai
- 1 Timóteo 6:5-10 – O perigo do amor ao dinheiro
- 2 Pedro 2:1-3 – Os falsos mestres que exploram

Sugestões de Leitura:

Cura e Libertação em Cristo Jesus – A. C. Aguiar

Neste livro, o autor aprofunda os temas da cura interior, libertação espiritual e restauração da identidade em Cristo. Escrito com a mesma ousadia e sensibilidade bíblica, esta obra oferece uma jornada de reconexão com o poder transformador da cruz. O livro apresenta a ideia de que Deus opera como quem nos conduz por uma "máquina do tempo espiritual", levando-nos exatamente ao ponto em que fomos feridos, mas agora de mãos dadas com Jesus. Ali, todo mal é quebrado e desfeito: pecado, culpa, vergonha, traumas e dores profundas são tratados com verdade, poder e compaixão divina.

"A cura não é um evento. É um caminho. E Cristo é esse caminho."

O Evangelho Maltrapilho – Brennan Manning

Um clássico moderno que revela a profundidade da graça de Deus e o quanto somos amados mesmo em meio à nossa fragilidade. Uma leitura ideal para quem deseja compreender que o evangelho é para os cansados, os imperfeitos e os que foram esmagados pela religião.

Cristianismo Puro e Simples – C. S. Lewis

Obra-prima de Lewis que apresenta com lucidez e simplicidade os fundamentos da fé cristã. Um livro que desperta a razão e o espírito para a beleza do evangelho vivido sem excessos nem distorções.

Continue sua jornada. Leia. Ore. Questione. Volte à Palavra. E acima de tudo, siga a Cristo.